

PARO⁸⁰

15 years



LEONOR
SILVEIRA



foto SARA DE JESUS
styling PATRÍCIA C. VICENTE
talent SANDRA FALEIRO, JESSICA ATHAYDE, FILIPA PINTO

Vestem:
camisas da SCALPERS

www.parqmag.com
facebook /parqmag
instagram /parqmag
youtube /parqmag

TEXTOS Alex Couto, António M. Barradas, Bernardo Semblano, Carla Carbone, Francisco Spratley, Francisco Vaz Fernandes, Hugo Pinto, Lara Mather, Maria São Miguel, Patrícia César Vicente, Rafael Vieira, Roger Winstanley, Sara Madeira, Tátá Seixo Garrucho, Taty Cool FOTOS Beatriz Temudo, Christian Zimmermann, Diogo Navy, Maria Gaggo, Maria Rita, Sara Berenguer, Sara de Jesus Bento STYLING Beatriz Reto, Eduardo Tobar, Patrícia César Vicente, Pedro Chalbert, Tiago Ferreira, Tomás Chambel ILUSTRAÇÃO Filipa Lobato PORTFOLIO Twotma

PERIODICIDADE Bimestral · DEPÓSITO LEGAL 272758/08 · REGISTO ERC 125392 EDIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda. · NIF 508 399 289 · EDIÇÃO & PROPRIEDADE Francisco Vaz Fernandes · NIF 180063430 · Rua Quirino da Fonseca, 25 - 2oesq. / 1000-251 Lisboa, Portugal TELEFONE 00351 218 473 379 · IMPRESSÃO Suspensa. Disponível edição on-line. DISTRIBUIÇÃO Conforto Moderno Uni, Lda.

DIRECTOR Francisco Vaz Fernandes francisco@parqmag.com · EDITOR Conforto Moderno · EDITOR DE MODA Tiago Ferreira tiagoferreiraadn@gmail.com @iamtiagoferreira · DESIGN Valdemar Lamego → A reprodução de todo o material é expressamente proibida sem a permissão da Parq. Todos os direitos reservados. Copyright © 2008 – 2024 PARQ.



foto MARIA RITA
styling TIAGO FERREIRA
talent LEONOR SILVEIRA

Veste:
casaco LOWE
calças BOTTEGA VENETA

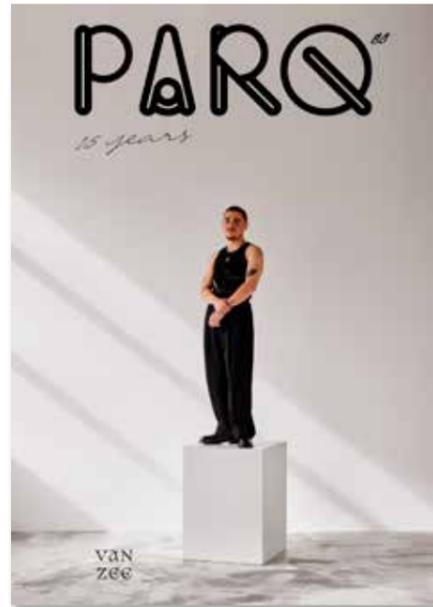
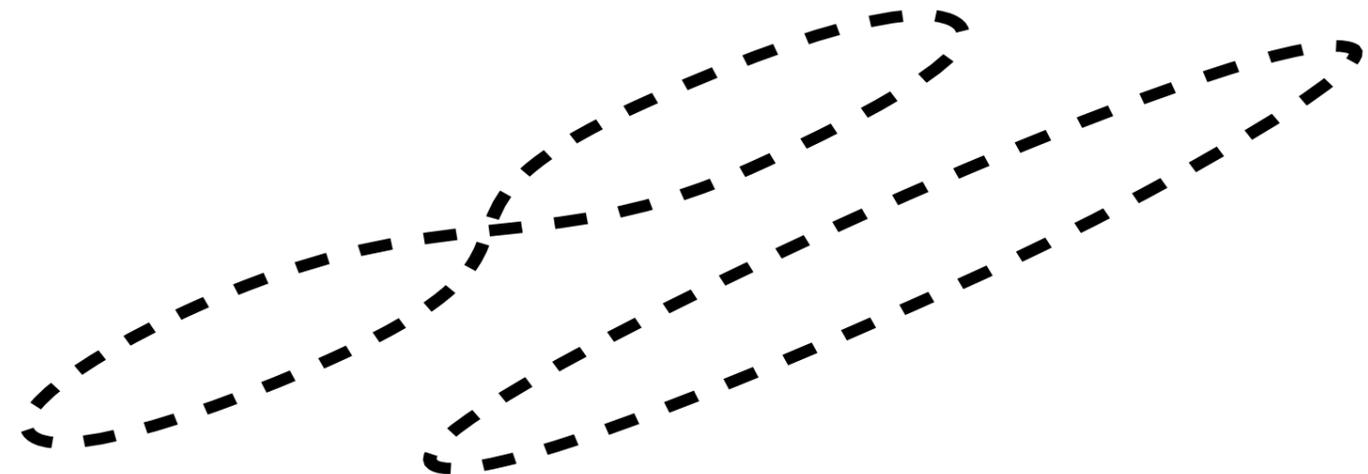


foto MARIA RITA
styling TIAGO FERREIRA
talent VAN ZEE

Veste
tank top JW ANDERSON
calças JACQUEMUS
sapatos SAINT LAURENT
mala ALAIA

YOU MUST	04 18 20 22 24 26 28 36 40 44 52 60 62 66 74 78 79 80 82 83 84 85	TREE OF US: SANDRA FALEIRO, JESSICA ATHAYDE, FILIPA PINTO CRÓNICA DE PATRÍCIA CÉSAR VICENTE - 1º ATO BAAN THE WONDERFUL STORY OF HENRY SUGAR CRISTÓBAL BALENCIAGA FEUD: CAPOTE VS THE SWANS PERFECT TOILETS PORTFOLIO: TWOTMA NATHAN KUNIGAMI BAKER & BOROWSKI YINKA SHONIBARE PÁDUA RAMOS PRÉMIOS MODA LISBOA –SANGUE NOVO CASABLANCA EM PARIS MANEL BAER ISABEL MARAN PALLADIUM 1774 MADE IN JAPAN ZÜRICH TECH BEAUTY SUNGLASSES
SOUNDSTATION	86	SOMA BY BRANKO
CENTRAL PARQ	94 108 124 132 144	VAN ZEE LEONOR SILVEIRA PETRICHOR, O CHEIRO DA CHUVA ENZO GUCCHI CRÓNICA DE PATRÍCIA CÉSAR VICENTE – 2º ATO
FASHION EDITORIAL	146 160 170 190	REFRACTIONS HIM VESTIGE ABRIL VERMELHO
PARQ HERE	204 205 206 208 210 212	THE BECODE STREET HERMÈS LISBOA BREW O REFEITÓRIO DA PRAÇA FROU FROU CRÓNICA DE PATRÍCIA CÉSAR VICENTE – 3º ATO



SANDRA FALEIRO
JESSICA ATHAYDE
FILIPA PINTO

TREE OF US

texto —————> Patrícia César Vicente

Jessica Athayde Sandra
Faleiro e Filipa Pinto, vestem
camisas da SCALPERS

São três gerações de mulheres talentosas, e não, não nos enganamos no inglês. O título *Tree of Us* surge naturalmente, assim como surgiu a ideia para este editorial. Num mundo caótico e cheio de informação, acho que as palavras simples e directas, a beleza natural e a simplicidade nos ajudam a transformar barreiras que por vezes, somos nós mesmas que as criamos.

A SANDRA, a JESSICA e a FILIPA são mulheres que representam diferentes gerações e abordagens da vida. Assim como qualquer uma de nós, estão todas numa fase diferente da sua vida pessoal e profissional. Três filmes juntam três mulheres: *Amo-te Imenso* com estreia a 25 de Abril, *Sonhar com Leões* e *Hotel Amor* que também vão estrear este ano.

O que pode haver de mais incrível na árvore da vida é ver nascer, crescer e florescer em cada ciclo, em cada estação. Sejamos nós, ou quem nos rodeia. Há beleza em tudo o que vemos, principalmente naquilo que somos hoje como um reflexo do amanhã.

Obrigada SANDRA FALEIRO, JESSICA ATHAYDE e FILIPA PINTO. Pela entrevista em que se mostram tal como são. Falam dos medos, das inseguranças, das conquistas, do que é ser mulher em diferentes fases da vida. Por representarem a simplicidade com que deve ser encarada a beleza feminina em todas as idades, e que o principal poder das mulheres vai muito além da imagem que o espelho nos mostra.

Direcção Criativa	Patrícia César Vicente
Fotografia	Sara de Jesus-Bento para Olhar Studio
Syling	Patrícia César Vicente
Assistente	Rafaela Almeida
Make-Up	Inês Abreu Lima
Hair	Jorge Carlos para Estação de Cabelos

Um agradecimento especial ao Justin Amorim, ao Filipe Bessa Vieira, e a toda a equipa da Promenade Films



SANDRA FALEIRO

És uma mulher linda, tens uma beleza original, e reconhecemos-te sempre. Tens atravessado gerações, em vários registos, e construístes uma carreira muito sólida. Começas no cinema em 1989, e já ganhaste um Globo de Ouro, entre outros prémios e nomeações. Qual é que achas que foi a principal qualidade que te trouxe até aqui?

Acho que na nossa profissão não podemos pensar em ter uma carreira. Temos que gerir constantemente o dia a dia, e aproveitar as oportunidades que vão surgindo com muito trabalho e dedicação. Não criar expectativas e manter uma ética profissional e artística. Estar sempre à procura de novas perguntas para fazer, como criadora, atriz e ser humano. É um caminho tortuoso, cheio de incertezas e desgastante. Penso muitas vezes em desistir, mudar de vida porque tenho pânico de me estar a repetir. Repetir fórmulas. Mas acho que faz parte do processo. São dores de crescimento.

Mudavas alguma coisa no teu trajeto?

Sim. Gostava de ter estudado mais. Viajado mais. Às vezes acho que me falta Mundo.

Do que é nunca te vais arrepender de fazer?

De dizer a verdade.

Uma palavra que defina todas as mulheres, em todos os sentidos, gerações e culturas.

Desigualdade.

Interpretas Eva no filme envolto em muito mistério –*Sonhar com Leões*– com estreia prevista para este ano. Pouco se sabe sobre o filme ainda além de que conta com um elenco muito interessante e que aborda o tema da legalização da eutanásia (que está na ordem do dia no nosso país) em tom de comédia negra. O que é que nos podes contar sobre a tua personagem e o filme?

É uma sátira, uma comédia negra repleta de situações patéticas e trágico-cómicas com actores maravilhosos que fala de coisas muito sérias, como a eutanásia, a solidão e o desespero em que as pessoas estão. A minha personagem é uma mulher fria e calculista que se aproveita de pessoas doentes que querem morrer e precisam de ajuda.

Sandra Faleiro veste jardineiras vintage da NEW JESTER

"Sonhar com Leões"





Sandra Faleiro veste jardineiras
vintage da NEW JESTER

JESSICA ATHAYDE

JESSICA, não há quem não te conheça. És daquelas mulheres que chega, e tem uma maneira de ser e de estar que mexe com as pessoas.

Começas com os *Morangos com Açúcar*, os anos passam e tu somas e segues em novelas, vais crescendo profissionalmente e pessoalmente. Comunicas pelas redes sociais como ninguém, com a maior simplicidade e transparência. Como é que consegues gerir tudo, sendo mãe, mulher, filha, e ainda gerir as inseguranças, medos, altos e baixos que são cíclicos, e que todas nós passamos.

E como estamos aqui em volta de um editorial que defende a beleza em todas as gerações, qual é que achas que foi uma insegurança que tinhas há anos atrás, que se soubesses o que sabes hoje terias lidado de maneira diferente?

Uma palavra que defina todas as mulheres, em todos os sentidos, gerações e culturas.

És a protagonista do filme *Hotel Amor* com estreia prevista ainda este ano e que conta com um enorme elenco de luxo. Interpretas a gerente do hotel que está a beira de um ataque de nervos nesta comédia que promete ser hilariante, mas que pelo que sei, as gravações foram extremamente desafiantes. O que é que podemos esperar deste filme e achas que vamos ver uma nova faceta da JESSICA neste projeto?

Acima de tudo com muita naturalidade, tento ser prática. Acho que hoje em dia se tem muita tendência a complicar tudo, e acho que ser mãe me trouxe muito esse lado prático. Mas acima de tudo há que ter consciência de que não faço mais nem menos do que milhares de mulheres que têm vidas cheias, filhos, carreiras, e que no fim do dia ainda passam na mesma pelas inseguranças, medos que todas as outras. A verdade é que a capacidade das mulheres de se superarem e “fazerem acontecer” devia ser um case study.

Como é sabido tive problemas relacionados com o meu peso. Podia dizer muita coisa e tentado lidar de forma diferente, mas falamos de uma doença. É um tema demasiado sério para se achar que se pode evitar através de palavras. Acho acima de tudo que nestes casos é importante que familiares e amigos estejam presentes, e atentos de forma a poderem ajudar no momento certo. Acredito que em problemas de anorexia é muito, muito importante ter uma rede de familiares e amigos que nos mostrem que estão lá, que não estamos sozinhos.

Missão / Força / Determinação / Amor

Amei fazer o projecto *Hotel Amor*, foi uma ótima surpresa trabalhar com o realizador HERMANO MOREIRA, deu-me muita liberdade e claro, o facto de trabalhar em plano sequência, coisa que nunca tinha feito, foi super interessante e gratificante na construção da personagem. O cinema comercial faz falta, e neste, apesar de ser uma comédia, é também uma história de uma mulher que se refugia no trabalho, no caos e alegria do hotel para ultrapassar o seu grande trauma. Teve muitas nuances e espero que quem veja o filme se divirta tanto quanto eu e o elenco nos divertimos a fazer.

Jessica Athayde veste jardineiras vintage da NEW JESTER

"Hotel Amor"





Jessica Athayde veste jardineiras
vintage da NEW JESTER

FILIPÇA PINTO

Tens uma beleza atemporal, uma presença mais tímida, e cativante. Começas com uma longa-metragem em 2018, desde então surges em séries e telenovelas, chega 2024 e és protagonista de um filme. Como é que descreves estes primeiros anos como atriz?

Acho que o meu percurso tem vindo num crescendo de oportunidades, felizmente, em termos daquilo que me é proposto e exigido enquanto atriz, e isso agrada-me muito. Foi em 2017 que me estreei em televisão, na novela *A Herdeira*, e não nego que também tenho tido alguma sorte, mas tenho aproveitado cada oportunidade que me tem sido concedida, e estou grata por isso.

Ao contracenares com atrizes que já têm anos de carreira, o que é que mais tens aprendido e vês como um exemplo a seguir?

Aquilo que mais admiro é a capacidade de trabalho de um ator que, mesmo tendo anos de experiência, mantém o profissionalismo e a disciplina e não se desleixa quanto ao trabalho, quer ao nível das filmagens propriamente ditas, quer ao nível daquele que deve ser preparado em casa, como decorar os textos, trabalhar as cenas, etc.

Um objectivo profissional que tenhas, mesmo que te pareça distante quando o dizes em voz alta.

Acredito que como é para mim, também o seja para muitos outros, mas gostaria de voltar a ter a oportunidade de trabalhar internacionalmente. Já não posso dizer que seria a minha estreia, porque já participei numa co-produção portuguesa-italiana, mas continua a ser um objetivo, sim.

Uma palavra que defina todas as mulheres, em todos os sentidos, gerações e culturas.

Extraordinárias.

O filme *Amo-te Imenso* está prestes a estrear nos cinemas e conta-nos uma história de amor muito real e atual vivida entre a tua personagem – Maria – e o brasileiro – Fábio. Parece o filme perfeito para quem gosta de uma boa história de amor, achas que o filme vai deixar os espectadores apaixonados?

Sem dúvida. O *Amo-te Imenso* é uma comédia romântica que apesar de ter, como todas as boas histórias, vários picos “q.b.” de drama, não deixa de ser uma lufada de ar fresco e um bom filme para levar a cara-metade ao cinema ou, tão simplesmente, ir num date consigo próprio se for mais esse o estilo da pessoa! Ainda assim, por uma coisa eu tenho a certeza, de que os espectadores se vão apaixonar (se é que já não o são): por Lisboa.

Filipa Pinto veste jardineiras vintage da NEW JESTER

"Amo-te Imenso"





Filipa Pinto veste jardineiras
vintage da NEW JESTER

PRIMEIRO ATO**"CHAMADA PARA O CÉU"**

– Bom dia! Fala do Céu?
 – Sim, fala do Céu. Em que posso ser útil?
 – Tenho um pedido a fazer a Deus...e...
 – Ai...Deus Nosso Senhor não está! Nem sei quando é que vai estar disponível!
 – Mas Ele não está no Céu?
 – Minha senhora, Ele está onde tem de estar. É urgente?
 – Bem...
 – Já vi que não é! Está com problemas de amor? Saúde? Trabalho?...
 – Desculpe lá, mas estou a ligar para o Céu ou para um centro de cartomancia e tarot?
 – Não, minha senhora! Só estou a ver qual é o assunto porque a senhora nem ata nem desata. É sempre a mesma coisa. Ficam uma eternidade em linha para conseguirem uma chamada para o Céu, e quando perguntamos o que é que vocês querem, e atender a vosso pedido, parece que ainda nem pensaram no assunto. Tanto tempo à espera em linha, e quando chega a vossa vez nem sabem o que é que querem!
 – É que eu quero muitas coisas e não sei qual delas devo pedir primeiro. Se me vou sentir estúpida a fazer certos pedidos quando ditos em voz alta.
 – Minha senhora queira entender que todos os pedidos ditos em voz alta parecem ridículos, mesquinhos, e egoístas para quem a ouve de fora e faz julgamentos. Porque os pedidos são seus e só a si lhe fazem sentido. Quanto a julgamentos aqui no Céu nós não os fazemos, até porque não temos tempo. Aqui, comigo em linha o que me pedir, pediu e está tudo bem.
 – Então, mas é que estou a ligar para si, a falar consigo e parece que estou a fazer um pedido de fast food num...
 – Só um bocadinho minha senhora...só um momento, não desligue que eu tenho de pedir uma coisa aqui a uma colega...Luzia, ó Santa Luzia tu que estás mais perto da copa, traz-me um copinho com água se faz favor, que esta senhora está a deixar-me nervosa. E aqui no Céu a gente não se pode enervar porque a qualquer momento isto pode ser um Cliente Mistério, e depois temos mau rating...ou lá o que é! É que o São Pedro anda para aí a falar disso nas reuniões semanais, está sempre a mostrar relatórios, e gráficos e mais o...o... outro que o carregue. Que a gente aqui no Céu não diz o nome dele, não é? Eu é que já não o posso ouvir. Nem a ele, nem a esta querida..Se aqui no Céu isto há dias que não vai bem, então de onde esta senhora está a ligar deve parecer a casa do...do...do outro, tu sabes. Que nós aqui no Céu não dizemos o nome..

– (Pausa para beber o copo com água)

– Estou, minha senhora, já voltei...só um instantinho...Ó Luzia, Santa Luzia...apressa-te que vai ali um ceguinho que decidiu atravessar a 2ª Circular e ainda me leva uma panada de um carro. Vais lá tu que és a padroeira dos cegos, e também porque estou a atender esta senhora que não sabe o que quer... Olha ó Luzia! Esquece, não vás, ele afinal não é ceguinho, é só estúpido. Olha...bateu... pronto. Isto agora é com a seguradora, não temos nada que ver com isto. Ele não é ceguinho, não é nada contigo. Podes voltar para o que estavas a fazer. Agora a seguradora e eles que se amanhem!
 – Desculpe, está aí?
 – Estou, minha senhora, diga lá então como é que a podemos ajudar?
 – Eu queria mesmo falar com Deus, sabe? Mas se não é possível..será que posso falar com Jesus, ou...
 – Hoje não está nem o Pai, nem o Filho, e a continuarmos assim nem o Espírito Santo, minha senhora!
 – É que eu queria falar de várias coisas, sabe?! Antes de pedir, preciso de aconselhamento para saber se estou a pedir as coisas certas.
 – Então devia ter escolhido a tecla 2, que essa era a linha do aconselhamento, minha senhora. Já podia ter dito! Então estou eu aqui com tanta paciência a aturá-la e de boa vontade a ouvi-la, e a senhora..francamente, já podia ter dito.
 – Mas é que eu...
 – Não se preocupe, minha senhora, vou já passar para o meu colega...só um instantinho..Estou? Gabriel! Está aqui mais uma maluca que não sabe de onde vem, nem para onde vai, nem o que quer, enfim.. em vez de ligarem ao psicólogo, e tomarem ansiolíticos como um bom humano do século XXI, não senhora. Ligam para aqui, como se o Céu agora também resolvesse problemas que o próprio ser humano causa, e não tarda nada até nós ficamos perturbados...o ser humano não conhece limites, Gabriel. Ligam para aqui dia e noite, de noite e dia. Gabriel, ficas já a saber que o anjo da guarda desta senhora com quem vais falar já meteu baixa duas vezes, só este ano, e pelo que dizem, já pediu transferência para ser anjo da guarda de outra alminha qualquer que lhe dê nem que seja meia folga por semana. É para que vejas, que esta daqui é endemoniada. Eu não sei, que isto são tudo conversas de São Lázaro nos coffee breaks, até porque a minha boca é um túmulo, como tu tão bem sabes. Sou incapaz de falar mal, seja lá de quem for. Vá, vou-te passar esta senhora, que eu tenho mais que fazer. Beijinho Gabriel, fica bem. Vá, vou transferir!

Fim do Primeiro Ato.

(cont.p144)



“BAAN”

“บ้าน”

"Home"

Após ter alcançado sucesso internacional com as curtas metragens “Cães que ladram aos pássaros”, “Balada de um batráquio” (Urso de Ouro em 2016 em Berlim para curtas metragens) e o documentário “Terra Franca” a realizadora portuguesa LEONOR TELES estreou a sua primeira longa-metragem de ficção “Baan” (“บ้าน”) no Festival de Locarno em 2023, filme que se apresenta agora nas salas nacionais. Baan mostra a cidade de Lisboa de uma forma real pelos olhos de uma jovem arquiteta “L” que após o término de uma relação, conhece “K” uma rapariga de origem tailandesa, acabada de se instalar em Portugal. Vinda do Canadá, onde tinha sido adotada ali viveu toda a sua vida sem um sentimento autêntico de pertença.

Numa junção da Ásia em Lisboa e de Lisboa na Ásia como a realizadora já referiu publicamente, “Baan” (“บ้าน”) reflete a vida atual de uma jovem adulta em Lisboa com todas as suas nuances e complexidades quer no que se refere aos relacionamentos com a nova moda do “ghosting”, quer nos problemas da precariedade, carreira, identidade. Conseguimos através das suas personagens sentir as suas frustrações e relacionarmos-nos com algumas situações do filme.

“Baan” (“บ้าน”) significa casa em tailandês e enquanto que na curta-metragem “Cães que ladram aos pássaros” LEONOR claramente critica a crise de habitação em Portugal com a questão da gentrificação e aumento das rendas, neste filme, apesar deste tema ressurgir, tal como o título aponta, é agora um tópico repetido de um ponto de vista mais emocional. Desta vez questiona-se o que significa alguém ser casa para nós e nós sermos casa para alguém, fazendo uma bonita interpretação das relações interpessoais que vamos desenvolvendo ao longo da vida, numa busca constante por encontrar um lugar onde pertencemos, uma comunidade onde somos, pelo sentimento de casa.

LEONOR nos seus filmes aborda sempre temas que a inquietam e usa o Cinema como uma forma de expressão das suas opiniões. Não raras vezes disse que fazer Cinema em Portugal é um ato de grande resistência pois o esforço para se conseguir fazer filmes e ser-se ouvido por cá é no mínimo desafiante. Sendo o foco a nível emocional, é impossível não reparar nos comentários que são feitos ao longo do filme não só sobre a crise de habitação como sobre a xenofobia que ainda existe contra a comunidade asiática, que infelizmente aumentou com a origem da Covid-19, com a propagação de mensagens de ódio baseadas na ignorância.

LEONOR é também diretora de fotografia do filme. A estética faz-nos lembrar os filmes de WONG KAR WAI com as suas cores vibrantes, os néons, os desfoques e uma certa sensação de solidão no meio da cidade. Filmado em película 16mm entre Banguedeque e Lisboa, não existe narrativamente a separação entre estas duas cidades. É como se estivéssemos numa só cidade, numa mistura das duas em que se vêem semelhanças que se mesclam harmoniosamente sem nos darmos conta.

Com CAROLINA MIRAGAIA, na pele de “L”, sentimos tudo, e até relembramos aquela sensação de vertigem quando alguém nos consegue tirar completamente o chão que provavelmente só se vive aos vinte anos. É impossível não sentir uma empatia imediata com as personagens, pela sua entrega, a inocência e a sensação de coração partido que vivem. CATARINA e MEGHNA LALL que protagoniza “K” levam-nos numa montanha russa de emoções.

Há certas semelhanças físicas entre a personagem “L” com a realizadora e fica a dúvida se a narrativa se prende a uma experiência pessoal que LEONOR tenha vivido mas não é um facto claro.

A música não pode deixar de ser falada porque estamos constantemente a ouvi-la ao longo do filme e cada tema que ouvimos reflete perfeitamente esta junção da Ásia com Lisboa, chega mesmo a dar vida à imagem. A banda sonora inclui temas como “I feel for you” de CHAKA KHAN, “Going to America” de CHENG QIONG MEI, “Voyage voyage” de DESIRELESS mas também “Aiué do Roça Roça” de NÉMANUS, todos temas nostálgicos que criam uma atmosfera romântica misturada com essa frustração de estarmos à procura de algo e de não sermos correspondidos ao mesmo tempo.

Baan é produzido pela “Uma Pedra no Sapato” como todos os filmes da realizadora, e foi escrito por LEONOR, com a colaboração da ÁGATA DE PINHO e do FRANCISCO MIRA GODINHO.

texto —————> Lara Mather



THE WONDERFUL STORY



WES ANDERSON, o famoso realizador texano conhecido pela sua inigualável simetria e excentricidade nas suas narrativas com elencos numerosos de caras mediáticas, foi vencedor do seu primeiro Óscar, na categoria “Melhor Curta-Metragem (Live Action)”, na noite de domingo dia 9 de Março para dia 10 de Março de 2024. Após 22 anos de carreira vence com “*The Wonderful Story of Henry Sugar*”, parte da coleção de quatro curtas-metragens que realizou e estreou no final de 2023.

“*The Wonderful Story of Henry Sugar*” é adaptação de um texto de ROALD DAHL e conta a história de Henry Sugar, um homem rico e sovina que encontra um livro escrito por um guru que tinha ganho clarividência após anos de prática e que conseguia ver tudo mesmo de olhos fechados. É neste livro que Henry aprende os seus métodos e usa-os para fazer batota em jogos de apostas de dinheiro.

Não é a primeira vez que WES adapta histórias de ROALD DAHL, já o tinha feito com o filme *Fantastic Mr Fox* e agora com 4 curtas-metragens produzidas pela Netflix, “*The Wonderful Story of Henry Sugar*”, “*The Swan*”, “*Ratcatcher*” e “*Poison*”.

Protagonizada por BENEDICT CUMBERBATCH, esta curta-metragem de 39 minutos conta ainda com a participação de BEN KINGSLEY que representa o guru, RALPH FIENNES, que assume o papel de narrador da história, DEV PATEL e RICHARD AYOADE.

Quebrando a quarta parede estas personagens falam diretamente para o espetador durante o filme

inteiro, narram as suas ações e com atores incríveis de renome não se podia esperar outra coisa senão perfeição. Altamente coreografado, ensaiado e cronometrado, cada um entrega o texto de uma forma brilhante e contracenam uns com os outros impecavelmente.

Filmado em película 16mm, os movimentos de câmara, o enquadramento, o uso das lentes e dos ângulos do diretor de fotografia ROBERT YEOMAN, colaborador veterano de WES, são extremamente exatos.

Os cenários do Designer de Produção ADAM STOCKHAUSEN, que também trabalhou no filme “*Asteroid City*” do WES ANDERSON, são manualmente movidos de lugar quando se muda de cena, como se observássemos uma peça de teatro em tempo real. A própria característica da quebra da quarta parede se revela muito teatral. As cores e padrões escolhidos a dedo gritam a estética a que estamos acostumados a ver nos filmes de WES ANDERSON. Está tudo muito bem executado.

O universo é todo construído meticulosamente com base no livro original e alguns dos objetos utilizados são do próprio escritor, ROALD DAHL.

É a mistura da rápida mudança de cenário, com a rápida troca de luz, com o acompanhamento de câmara, com a excentricidade da história e das performances que faz esta curta valer a pena.

texto —————> Lara Mather



OF HENRY SUGAR

CRISTÓBAL BALENCIAGA

A série biográfica sobre o estilista espanhol CRISTÓBAL BALENCIAGA teve estreia no dia 19 de janeiro de 2024 na plataforma de streaming Disney+.

Como nos dizem nos créditos iniciais, para cada um dos seis episódios, que variam entre 45 e 60 minutos, “esta série é inspirada nos 30 anos que Cristóbal Balenciaga passou em Paris, desde os seus inícios, até chegar a converter-se no rei da alta-costura”.

No piloto, vamos encontrar um aposentado BALENCIAGA (interpretado pelo madrilenho ALBERTO SAN JUAN) que muito reticentemente concede uma entrevista à jornalista PRUDENCE GLYNN (papel da inglesa GEMMA WHELAN, mais conhecida por ter sido a Yara Greyjoy em *Game of Thrones*). O estilista, que sempre preferiu ficar por detrás das cortinas do seu atelier, conta a sua história de vida a PRUDENCE (e ao público).

BALENCIAGA chega então a uma Paris já há muito rendida aos pequenos vestidos pretos e às pérolas de COCO CHANEL. Porém, a criadora francesa rapidamente reconhece o talento dele e vê-o como um amigo, e não como um concorrente. Aliás, tal como CHANEL disse, e estas palavras são trazidas para o programa televisivo: “Só Balenciaga é um costureiro no verdadeiro sentido da palavra. Só ele é capaz de cortar material, montar uma criação e costurar à mão, os outros são simplesmente estilistas”. Adicionalmente, a trama também acaba por explorar o azedume que se irá criar entre ambos com o passar dos anos.

No entanto, Mademoiselle COCO CHANEL está longe de ser o único easter egg do mundo da alta-costura dentro desta trama. CHRISTIAN DIOR é visto como o verdadeiro adversário de CRISTÓBAL. Não só DIOR era capaz de o fintar em termos de criatividade e habilidade, mas era também um revolucionário pela sua perfumaria (a história por detrás do perfume Miss Dior é revelada) e pelo facto de se posicionar como um verdadeiro comunicador e face da sua marca. No fundo, para além de estilista, era uma celebridade. Inevitável será dizer que toda esta fama e, nova forma de marketing, eram repudiadas por BALENCIAGA que, na série, é pintado como um controlador obsessivo e um introvertido que nem com os seus próprios clientes fala, salvo raríssimas exceções.

Outra presença frequente é HUBERT DE GIVENCHY que, para além de confidente de BALENCIAGA, é o único que este último considera como um par em termos de mérito artístico e de aptidão. Para os fãs de AUDREY HEPBURN, a atriz é mencionada e o início da colaboração entre ambos também é introduzida.

Para além da timidez e da obsessão com os detalhes, CRISTÓBAL BALENCIAGA é um homem extremamente resistente à mudança –havendo uma recusa clara do processo de massificação das suas indumentárias (o tão terrível prêt-à-porter) e uma inflexibilidade em alterar os seus vestidos tendo em conta os pedidos das clientes.

No fundo, a série apresenta-o como uma mente artística brilhante, mas torturada. Sendo as suas ideias fixas o seu pecado capital. Não obstante, é importante sublinhar os seus grandes obstáculos, desde o exílio em Paris para escapar à ditadura espanhola, à invasão dos Nazis em França, a contrafação dos seus produtos através da cópia e ter de desenhar um vestido para um casamento real.

O programa televisivo é também um grande teste de línguas. Em toda a série são faladas múltiplas línguas, muitas vezes existindo pulos de umas para as outras dentro da mesma cena. O critério está assente na nacionalidade das personagens que falam entre si. Como tal, espanhol e francês são as mais frequentes. O alemão e o inglês são as guest stars.

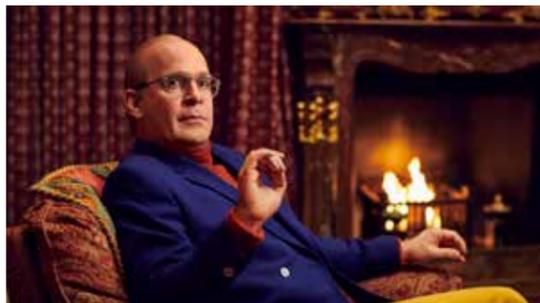
Tendo falecido em 1972, a série faz-nos debater sobre o seu legado artístico e como este se mantém (ou não) na marca homónima nos dias de hoje: Será que a marca BALENCIAGA se aproxima ou se afasta do homem CRISTÓBAL? Os mais recentes desfiles seriam próximos de algo que ele criaria hoje? Não sabemos com 100% de certeza, mas vale a pena refletir...

texto —————> Bernardo Semblano

YOU MUST WATCH



FEUD: CAPOTE Vs THE SWANS



A série de antologia orquestrada pelo produtor RYAN MURPHY está de volta! Murphy que também foi o maestro de séries de televisão como *American Horror Story*, *Glee*, *Monster: The Jeffrey Dahmer Story*, *Pose* e *Scream Queens*, ressuscita *Feud* para uma segunda temporada após uma espera de sete anos.

Em 2017, a primeira rixa (“feud” em inglês), conduziu os telespectadores até à idade de ouro hollywoodiana, onde BETTE DAVIS (interpretada por SUSAN SARANDON) e JOAN CRAWFORD (vivida por JESSICA LANGE) disputavam qual das duas era a rainha das telas, enquanto ambas se debatiam com o preconceito da indústria contra “mulheres de uma certa idade”.

Após o sucesso de crítica que foi *Feud: Bette and Joan*, gerou-se muita antecipação sobre quem seriam os protagonistas da próxima disputa. Segundo os rumores, os novos gladiadores seriam o Príncipe Carlos e a Princesa Diana, mas, talvez por causa da popularidade de *The Crown*, da Netflix, a produção não chegou a acontecer.

Agora, em fevereiro de 2024, a HBO Max Portugal estreou a segunda temporada *Feud: Capote vs. The Swans*, já com todos os episódios disponibilizados.

Nesta nova rixa, vamos estar por dentro dos círculos da alta sociedade de Nova Iorque, nos anos 60, onde o escritor Truman Capote, interpretado por TOM HOLLANDER, se vê exilado após publicar confidências e histórias de mulheres, suas amigas na revista *Esquire*.

Escusado será dizer que, apesar da tentativa de ficcionar alguns dos eventos escritos, as pessoas por detrás das personagens prometem uma vendeta contra o escritor.

As senhoras de sociedade desta história, também conhecidas por Cisnes (“swans” em inglês), são vividas pelas atrizes NAOMI WATTS, DIANE LANE, CHLOË SEVIGNY, DEMI MOORE, CALISTA FLOCKHART e MOLLY RINGWALD.

Agora que todos os episódios estão disponíveis na plataforma de streaming, foi-nos possível testemunhar que esta intriga é toda ela um grande estudo sobre o amor platónico entre um homem homossexual e uma mulher glamorosa. Neste caso, as amostras são Truman Capote e Babe Paley (o Cisne de NAOMI WATTS). Apesar de não existir um interesse físico, Babe, tal como as restantes mulheres da trama, sentem-se acarinhadas e vistas por Capote. A orientação sexual deste faz com que veja estas mulheres como donas de si próprias, e não como fantasmas marginalizados com o passar do tão terrível tempo.

Em contrapartida, a série também levanta o argumento de que mulheres com este nível de cultura e poder possam, ainda que inadvertidamente, materializar os seus amigos homossexuais. No sentido em que, eles existem exclusivamente para o seu entretenimento e para elevarem os espíritos delas quando a vida se torna mais amargurada. No fundo, estes homens, de

acordo com o guião, podem correr o risco de se tornarem adereços floreados na vida destas mulheres da alta sociedade.

Outro ponto assente, mais para o meio da série, é que existe um racismo inerente e silencioso dentro do círculo social mais exclusivo de Nova Iorque até porque, quase exclusivamente, os atores negros em cena são criados deste povo (branco) imponente. Ou seja, mesmo que a segregação étnica não seja feita numa forma propositada e forçada ela existe e, continua a ser um tema muito importante para ser debatido na praça pública até porque, ainda hoje, movimentos como o Black Lives Matter são muito relevantes mesmo que, altamente contestados por quem tem níveis de melanina mais limitados.

Apesar de a série girar em torno de um dos escritores mais proeminentes da ficção norte-americana, o guião de *Feud* é altamente inconsistente e com grandes problemas de ritmo. Como os acontecimentos parecem ser relativamente lineares e incapazes de darem aso para grandes subjetividades, o texto brilha mais quando se torna metafórico. Com inúmeros cenários de sonhos, fantasmas e situações de “e se”.

Sobre as interpretações, TOM HOLLANDER como Truman Capote está em forma (se bem que não literalmente) a interpretar outro “gay vilão”, após uma forte presença na segunda temporada de *The White Lotus*. Aqui, em *Feud*, HOLLANDER tem de dominar o timbre e as gargalhadas muito características do autor, o facto de ser um performer que encanta a alta sociedade garantindo, assim, um assento assíduo em todos os eventos e, por último, um homem que sucumbe aos vícios do álcool e do sexo, o que faz com que seja também uma pessoa patética e vaidosa. Truman vai ser, então, uma personagem detestável, mas uma que estamos a torcer para que se safe bem. Muitas vezes, tudo na mesma cena.

NAOMI WATTS tem a tarefa difícil de interpretar uma mulher “perfeita”, tal como todas as personagens na série o dizem. Apesar de ela vestir graciosamente esta persona, os momentos por detrás das portas em que vemos Babe Paley a quebrar e a lidar com o afastamento de Truman, as infidelidades do marido e o seu diagnóstico de cancro são os seus pontos mais altos. Mesmo que quase irreconhecível com os cabelos e os olhos mais escuros, WATTS entrega uma atuação soberba, tal como habituou o público desde sempre.

Rápida menção para CALISTA FLOCKHART que interpreta o Cisne Lee Radziwill, irmã de Jackie Kennedy. Esta personagem, que se presume que tem ciúmes da ribalta da irmã, proporciona alguns dos momentos mais cómicos e secos de toda a série. Em todas as cenas em que a atriz está presente, a série ganha mais cor e vida.

Para finalizar, este novo capítulo de *Feud*, pelas mãos de RYAN MURPHY, está longe de alcançar o nível de qualidade da primeira temporada. O glamour e o facto de deixar trabalhar atrizes mais velhas em papéis principais televisivos são constantes numa

temporada para a outra (e infelizmente, o último ainda pouco recorrente atualmente, só a sequência d’ *O Sexo e a Cidade* vem à memória). Porém, a história dos Cisnes não tem sumo o suficiente para se estender por oito episódios. Não obstante, seria uma pena o público perder um assento nos almoços recorrentes em La Côte Basque, o restaurante de Nova Iorque onde Truman e os seus Cisnes se juntavam para falarem de festas, intrigas e vinganças.



PERFECT

Uma das características mais marcantes dos "Tokyo Toilet" é a sua abordagem ousada à transparência, inspirada nos conceitos de SHIGERU BAN. Ao contrário das casas de banho convencionais, muitas vezes sombrias e fechadas, estas estruturas são predominantemente compostas por paredes de vidro, convidando a luz natural a inundar o ambiente e criando uma sensação de abertura e conexão com o entorno. Essa transparência não só desafia as expectativas, mas também promove uma experiência mais autêntica e inclusiva para os usuários.

Além da transparência, outras são caracterizadas pelas suas formas arrojadas e contemporâneas, refletindo a visão distinta de arquitetos como SOU FUJIMOTO e TADAO ANDO. Cada estrutura é única, com linhas limpas e curvas fluídas que desafiam as normas estabelecidas pelo design tradicional dos wc's. A estética moderna e minimalista não apenas impressiona visualmente, mas também se integra organicamente no cenário urbano de Tóquio, criando uma síntese harmoniosa entre o passado e o futuro.

A verdadeira inovação dos "Tokyo Toilet" reside na funcionalidade, uma homenagem aos ideais de cada arquiteto envolvido. Embora sejam considerados ícones de arte contemporânea, essas estruturas são projetadas para atender às necessidades básicas dos usuários de maneira eficiente e higiênica. WENDERS recorda-nos que a verdadeira beleza da arquitetura não está apenas na estética, mas também na capacidade de melhorar e enriquecer nossas vidas diárias.

Ao levar-nos através do mundo dos "Tokyo Toilet", WENDERS convida-nos a questionar as nossas próprias percepções sobre o espaço público e a arquitetura, lembrando-nos que mesmo nos espaços mais mundanos, como as casas de banho públicas, há espaço para a inovação, a beleza e a criatividade.

TOILETS

O filme "Perfect Days" é uma obra cinematográfica do famoso diretor WIM WENDERS, conhecido pela sua abordagem única e sensível às nuances da vida quotidiana, solidão e conexão humana.

No âmbito deste filme, os "Tokyo Toilet" emergem como uma fascinante manifestação da arquitetura contemporânea, transcendendo o simples utilitarismo para se tornarem expressões vibrantes de arte e inovação. Assim, o diretor WIM WENDERS leva-nos a explorar essas estruturas na sua complexidade, enaltecendo o trabalho visionário de notáveis arquitetos como SHIGERU BAN, SOU FUJIMOTO, TADAO ANDO, KAZOO SATO / DISRUPTION LAB TEAM, entre muitos outros, cujas contribuições foram revolucionárias para moldar o cenário urbano de Tóquio.

O projeto "The Tokyo Toilet" não é apenas casas de banho públicas; mas sim verdadeiras obras de arte e de arquitetura, onde cada detalhe reflete a influência criativa dos arquitetos e artistas convidados. Integram-se perfeitamente na paisagem urbana, desafiam as convenções tradicionais e redefinem a experiência do espaço público.

texto —————> Francisco Spratley

YOU MUST WATCH



KAZOO SATO / DISRUPTION
LAB TEAM, Nanago Dori Park



YOU MUST WATCH



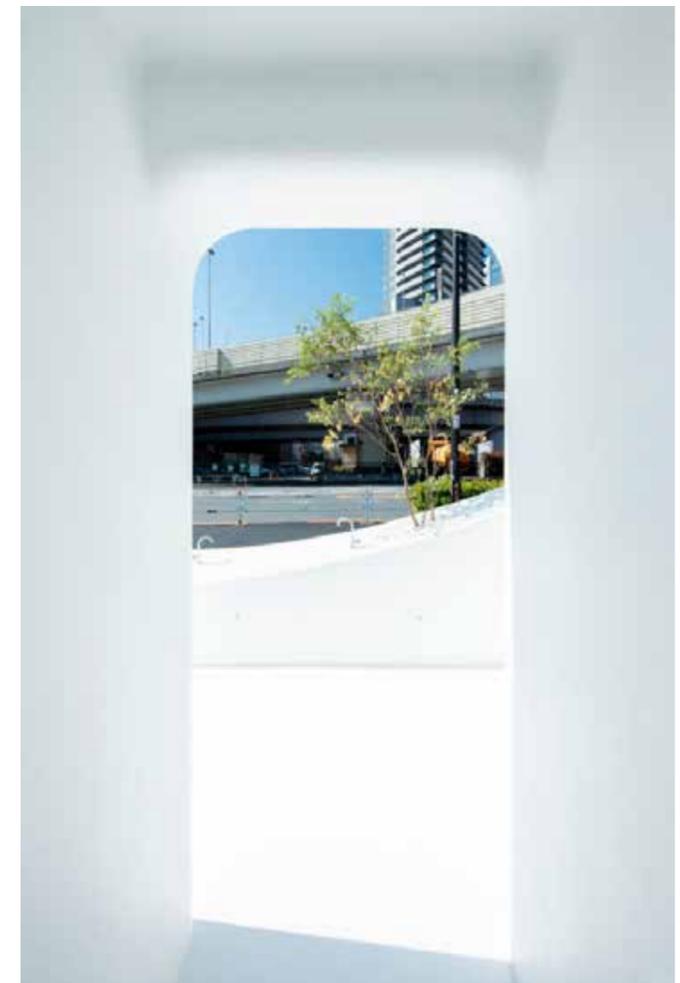
SHIGERU BAN, Yoyogi
Fukamachi Mini Park



TADAO ANDO, Jingu-Dori Park



SOU FUJIMOTO, Nishisando





Cenas do filme *"Perfect Days"* de WIM WENDERS







PEOPLE SAYING THINGS



BY TWOTMA

Hotel Tivoli Avenida
Av da Liberdade, 185,
Lisboa
→ 30 de Setembro

NATHAN KUNIGAMI

@kokuga_

A *Kokuga*, um atelier de arte floral dirigido por NATHAN KUNIGAMI apresenta-se no lobby do Tivoli Avenida, no contexto do programa de arte contemporânea que o hotel desenvolve há vários anos. “*A Mata Não Pode Passagem*” nasce da vontade de KUNIGAMI criar uma instalação site specific, trabalhando com grandes volumes, desafiando-se para uma escala a que não estava habituada.

Criou duas grandes instalações com dimensão escultural construídas por suportes metálicos e um revestimento vegetal onde pontuam flores. O primeiro volume é abordado logo que se atravessa a entrada principal do hotel. Parece ser um figura humana coberta por um manto que é vegetal. Para a ideia de manto contribui o efeito da inflorescência do amarantus que lança uns caules que podem chegar a até aos 90 cms. De cor castanha ou avermelhada os amarantus sobrepostas formam um velatura opaca facilmente moldável, tal como acontece nessa instalação que tem o nome de *Davina*, em homenagem à avó de NATHAN KUNIGAMI, com quem aprendeu a gostar de flores.

A segunda instalação encontra-se no centro do lobby do hotel, uma área luminosa perfeita para um jardim de inverno. Esta peça de grandes dimensões é constituída por três grandes volumes suspensos com volumetria e revestimento vegetal diverso que conferem uma individualidade a cada elemento. Para essa instalação é mais clara a introdução do princípio do Ikebana, a arte milenar japonesa de arranjos florais, que são a fonte de inspiração de KUNIGAMI. A prática desse conhecimento começou numa formação no Japão. Como refere, no Ikebana importa encontrar uma harmonia numa composição que apresenta três elementos: “Shin” (Céu), “Soe” (Terra) e “Tai” (Humanidade) e são esses elementos que estão representados nessa peça de grandes dimensões impossível de ignorar. Com esta instalação KUNIGAMI procurou que o mundo vegetal estivesse em excesso, que o hotel se sentisse invadido, trazendo assim a memória da exuberância da floresta tropical, de como o mundo vegetal insubmisso invade a sua cidade natal, o Rio de Janeiro.

NATHAN KUNIGAMI é brasileiro de origem japonesa e a sua formação foi orientada para a área de comunicação corporativa, tendo trabalhado para o mercado de luxo, tanto no Brasil como na Califórnia onde residiu. Mas paralelamente sempre teve interesse pela botânica e pelo arranjo floral e só quando chegou a Lisboa em 2019 e tendo a possibilidade de um novo começo de vida, cria o *Kokuga Flower Studio* passando a dedicar-se profissionalmente a área da arte floral. O estúdio situado na Estrela tem porta aberta ao público mas é solicitada marcação.

A MATA NÃO PEDE PASSAGEM

texto —————> Francisco Vaz Fernandes

YOU MUST SEE





Baker & Borowski (LEE BAKER e CATHERINE BOROWSKI) são uma dupla de artistas dedicada a melhorar a qualidade de vida pela criação de arte pública inspiradora, muitas vezes posicionando-a em espaços urbanos descuidados e esquecidos. Colaboram há 11 anos com o grande propósito de «causar impacto na vida quotidiana das pessoas», depois se aperceberem a sua mútua paixão pela qualidade pública da arte e pela paisagem urbana negligenciada.

O *Graphic Rewilding* surgiu da prática de estúdio de LEE, de desenhar flores inspiradas na cultura japonesa, ampliando-as para o espaço público. Criam obras de arte vastas para servir de equilíbrio à falta de espaços verdes nas cidades, explicam, «inspiradas em flores, maximalistas», de forma a que as cores vibrantes da Natureza sirvam de contraste ao cinzento do betão e para que potenciem espaços imersivos na imagem urbana. Com isto pretendem inspirar as pessoas a criar maior empatia com o espaço natural. Criaram também a SKIP Gallery, um projecto de arte internacional que usa os skip (contentores de entulho e detritos de obras) enquanto veículo para expor obras de artistas emergentes, tendo já curado e financiado 24 exposições em diversas cidades pelo Mundo, de grandes metrópoles até às ilhas gregas e pequenos lugarejos escoceses. Esta «jornada fascinante» é continuamente renovada e encontram sempre meios para continuar a «sua criação de obras de arte visualmente deslumbrantes» de grande escala em locais urbanos inesperados. Talvez até perto de nós.



texto —————> Rafael Vieira

Apresentem-se e comentem um pouco sobre o vosso encontro.

Sobre criatividade – o que vos inspira a criar estas peças artísticas de grande escala?

Sobre o *Graphic Rewilding*:

A REVIVIFICAÇÃO GRÁFICA DAS CIDADES

Em suma, Baker & Borowski são uma dupla artística dedicada a melhorar a qualidade de vida através de arte pública inspiradora e instigante, que criamos muitas vezes em espaços urbanos negligenciados. Há 11 anos, encontrei a CATHERINE no aeroporto de Heathrow (Londres). Conhecíamos-nos vagamente através de amigos em comum e conversámos. Rapidamente se tornou evidente que tínhamos muito em comum, sendo um aspecto a nossa paixão mútua, não apenas pela arte, mas pela arte e acontecimentos ao ar livre, em espaços urbanos muitas vezes negligenciados, onde o público pode ver, sentir e apreciar. Onde pode causar impacto na vida quotidiana das pessoas.

Por casualidade, estávamos no mesmo voo para Nova Iorque, falámos e falámos sobre as possibilidades. Foi emocionante conhecer alguém que partilha da opinião. Estes encontros fortuitos muitas vezes não dão em nada, mas avançamos 11 anos e, como Baker & Borowski, muitas dessas possibilidades iniciais, surgidas dessa longa conversa de partilha, tornaram-se realidade.

Ambos trabalhamos em vários projetos comerciais no âmbito público e, portanto, tínhamos todas as habilidades e experiência necessárias para concretizar nossas ideias artísticas pessoais. Nunca tivemos medo de escala, e na verdade é um lugar muito confortável para nós, quanto maior melhor!

Há cerca de 7 anos, a CATHERINE teve a ideia maluca de abrir uma galeria rapidamente. De usar esses contentores de obras negligenciados (contentores de detritos de obras chamados skip na língua nativa da dupla) como meio de inspirar e veículo para exibir obras de arte. Para evitar ter que ceder à vontade dos outros, nós próprios financiámos os projectos e rapidamente começámos a expor em parques de estacionamento por toda a Londres. Agora, a SKIP Gallery é um projecto de arte internacional dedicado a criar espaços, oportunidades e financiamento tão necessários para artistas emergentes, criando oportunidades para intervenções artísticas ao reaproveitar estes contentores de obras. Até o momento, a SKIP Gallery curou e financiou 24 exposições transformando o asfalto ao redor do mundo em espaço de exposição. Desde metrópoles como Londres, Milão, Nova Iorque e Roterdão, até cidades remotas na fronteira escocesa e nas ilhas gregas.

Há cerca de 3 anos, CATHERINE sugeriu que eu pegasse a minha prática de estúdio de pintar flores íntimas inspiradas na cultura japonesa e as ampliasse em espaços públicos. Posteriormente nasceu o *Graphic Rewilding* e desde então este projecto avançou a passos largos. O *Graphic Rewilding* é um contrapeso à falta de espaços verdes nas cidades. Criamos obras de arte vastas, inspiradas em flores, maximalistas e indutoras de positividade, e ambientes imersivos em espaços urbanos muitas vezes esquecidos. As imagens vibrantes da natureza são colocadas em oposição à selva cinzenta de betão e, embora obviamente nunca pudessem fornecer os mesmos benefícios ambientais e psicológicos que a natureza real, a intenção é inspirar a que as pessoas se conectem e a terem um pouco mais de empatia com o mundo natural, esperançosamente, ambicionando mitigar alguns dos efeitos nefastos da falta de exposição a espaços verdes.



BILLBOARD MEDIA

TEL: 0845 86 22 198





Billboard Media

TEL: 0045 88 22 180

YINKA SHONIBARE

A Serpentine Gallery apresenta em *Suspend State* um conjunto de obras de YINKA SHONIBARE, artista britânico/nigeriano que colocou no centro da sua produção artística, o Dutch Wax Print, um tipo de batique produzido na Holanda que ganhou popularidade em África, tornando-se um elemento identitário africano. Este sistema de adaptação e apropriação resulta de processo de hibridismo cultural e identitário gerado por herança colonial que o artista procura enfatizar. Como costuma dizer, também ele é resultante do mesmo hibridismo cultural e identitário quando observa o seu próprio percurso pessoal dentro de um sistema de arte contemporânea com raízes essencialmente europeias. Mais que sublinhar fronteiras a obra de SHONIBARE é sempre um convite para que o público possa contemplar a nossa cultura material comum. No fundo, todos estamos todos implicados numa teia de emaranhados históricos, sociais e económicos que ultrapassam fronteiras e identidades simplistas

Esta é a maior retrospectiva de sempre em torno da obra de YINKA SHONIBARE, num dos centros de arte mais prestigiados de Londres e nesse sentido esta exposição é pois o coroar das problemáticas que trabalhou ao longo da carreira e que se inserem nos discursos pós-coloniais e que hoje são cada vez mais pertinentes. Começamos então pelo percurso de YINKA SHONIBARE que nasceu em Londres mas foi viver em Lagos a partir dos 3 anos, tendo regressado ao Reino Unido para estudar na celebre escola de artes Goldsmith. Questionando-se sobre a sua própria diferença num contexto de escola de arte europeia, passou a usar o batique como elemento central das suas problemáticas. Foi assim que elementos identitários europeus passam a ser cobertos por batiques.

É nesse sentido que começa o seu interesse pelas estátuas que estão no espaço público de Londres porque elas em geral representam os heróis de um povo e condensam o imaginário de uma nação. A sua proposta artística passava por reconstruir essas estátuas revestidas de batiques com padrões muito coloridos, como são preferidos em África dando-lhes um contexto e significado novo.

Ou seja, YINKA SHONIBARE interessa-lhe questionar os símbolos nacionais e por isso reproduz a escultura da Rainha Vitória imortalizada por THOMAS BROKE no memorial que lhe é dedicado a frente Buckingham Palace. Propõem uma versão semelhante onde a roupa de época é produzida exclusivamente a partir dos batiques, criando uma imagem crioula de um dos maiores símbolos da Inglaterra. Esse processo será repetido mais vezes com outros heróis que contribuíram para o sucesso de uma política colonialista liderada pela Europa. Descontextualizar, produzir estranheza, propondo imagens paralelas de substituição é o propósito deste artistas que questiona assim o lugar das fronteiras culturais e a extensão de um legado colonialista que ainda tem reflexos nos dias de hoje.

Na Serpentine Gallery podemos encontrar 7 estátuas que abordam esse processo. Atualmente já não cria uma escultura vestida com batiques, prefere reproduzir as esculturas em plexiglass que já trazem em todo o seu conjunto os padrões típicos do batique.

SERPENTINE GALLERY

A grande novidade desta exposição foram as duas grandes instalações criadas especificamente para a Serpentine Gallery. Em *War library*, YINKA SHONIBARE recria uma sala revestida por estantes com livros, todos eles com uma sobre-capa confeccionada a partir dos tradicionais batiques. Todos os livros refletem no essencial o conhecimento científico e cultural que o mundo ocidental foi produzindo sobre a África, que mesmo nos seus melhores propósitos nunca deixariam de ser olhados como instrumentos de dominação.

Já a segunda instalação, *Sanctuary City*, YINKA SHONIBARE recria maquetas de algumas das townhouse mais simbólicas de Londres. Esses prédios de 3 ou 4 andares serviam de residências urbanas da classe dominante londrina que se erguiam fruto do clima de prosperidade imperial. As maquetas surgem-nos pintadas de cinza sombrio sublinhando um certo anonimato que contrasta com a iluminação interior onde mais uma vez brilha os revestimentos em batique. Esse colorido africano substitui os revestimentos em cor pastel pontuados por dourados inspirados em motivos da cultura clássica greco-romana que seriam mais característicos deste período. Porque estes modelos ainda se mantêm como símbolos de classe e de poder, *Sanctuary City* questiona a permanência desses padrões do imperialismo na sociedade contemporânea. A par destas questões quis que essas construções fossem ainda uma referência à casa e à busca natural de um refúgio e necessidade humanitária de um abrigo. Com essa instalação o artista estimula a reflexão sobre a importância da história e a necessidade de aprender com acontecimentos passados.

A exposição tem ainda algum enfoque na emergência climática que o artista relaciona também ao legado pós-colonial. Em algumas telas *African Bird Magic*, SHONIBARE justapõem imagens de aves africanas ameaçadas de extinção com símbolos da industrialização colonial, destacando a degradação do meio ambiente africano através de séculos de exploração.

A exposição serve ainda como um testemunho do compromisso da SHONIBARE com a mudança social e o seu envolvimento com a comunidade. Em Lagos e Ijebu, na Nigéria, o artista estabeleceu espaços de residência que tem como foco a produção de um artesanato transdisciplinar baseado na sustentabilidade ambiental. Refletindo sobre as suas motivações, Shonibare diz que fundou a quinta porque percebeu a importância desenvolver projetos criativos que celebrassem uma relação com a natureza e a noção de sustentabilidade alimentar.'

Com *Suspend State*, YINKA SHONIBARE convida-nos para uma jornada de introspeção num espaço onde as fronteiras – sejam elas psicológicas, físicas ou geográficas – se tornam fluídas ao longo do tempo. Na sua abordagem multidisciplinar há criação de pontes que alimentam a esperança, porque aquilo que partilhámos – mesmo em conflito – equivale a mais do que aquilo que nos torna diferentes.

texto —————> Francisco Vaz Fernandes



Decolonised Structures de YINKA SHONIBARE, instalação na Serpentine Gallery





Sanctuary City de YINKA SHONIBARE,
instalação na Serpentine Gallery





War Library de YINKA SHONIBARE,
instalação na Serpentine Gallery

Na Casa do Design, em Matosinhos, encontra-se patente, neste momento, a exposição PÁDUA RAMOS: *Da Arquitetura ao Design*, e que compreende um trabalho desenvolvido em torno da obra do designer português PÁDUA RAMOS. Ao longo da parede, a mais ampla da exposição, distende-se uma cronologia detalhada sobre a vida de PÁDUA, e a sua profícua actividade enquanto arquitecto, designer, e coleccionador.

A sua obra arquitectónica, e a experiência no domínio do design, beneficiaram muito do seu interesse genuíno pelo coleccionismo e pela arte. PÁDUA referiu mesmo, a um dado momento, que era o coleccionismo de arte que o ajudava a aprofundar o seu trabalho enquanto arquitecto e designer: "a arquitectura não termina nas paredes, antes recria o design, nos espaços interiores, na conceção dos próprios objectos decorativos"¹.

Esta atenção completa nas artes, como um todo, como obra de arte total, traduz o temperamento criativo e inesgotável de PÁDUA. Primeiro encetou um caminho, que veio a revelar-se, mais tarde, distinto, e original, em matéria de produção de objectos, e que se distanciou do compromisso do design unicamente moderno e dos preceitos do *less is more*, este último um legado de MIES VAN DER ROHE.

Depois inaugurou um saber fazer que não se fixou num padrão único de conhecimento mas antes se balizou por um percurso que o conduziu a vários tempos, e a várias contemporaneidades.

PÁDUA era um homem do seu tempo, mas também um catalisador de memórias. Num mesmo objecto podíamos atravessar vários períodos da história do design, e de um modo marcadamente transdisciplinar.

Um aparador de PÁDUA podia evocar uma obra arquitectónica, ou uma pintura, ou ainda uma figura feminina, oriunda do ballet triádico da Bauhaus. Podia sugerir a pop art, com as suas cores vivas e sedutoras, LICHTENSTEIN com os seus padrões e contornos marcadamente vincados, BRIDGET RYLEY com as suas derivações ópticas, ARCHIZOOM e SUPERSTUDIO, com a sua contestação social e o seu radicalismo, SOTTSSASS com o seu humor e irreverência. Ao que ainda podemos acrescentar o Deco Revival, e ainda o pós moderno inicial.

Em todo o seu trabalho transpira associações que dificilmente conseguimos dissociar destas correntes, porém, não podemos afirmar, com toda a certeza, e de modo direto, que PÁDUA as teria em mente quando realizava as suas peças. Porém, é ponto assente, e podemos assegurar, PÁDUA soube acolher, de modo aberto e redentor, as referências do seu tempo, e ajustá-las a um contexto português, não muito desenvolvido tecnologicamente.²

No domínio do design, PÁDUA apresentou-nos também um corpo de trabalho, sem sombra de dúvida, absolutamente pós moderno, e em perfeita sintonia com o seu tempo. Um tempo adejado pela complexidade, por um sentimento internacional, anunciado por VENTURI, SOTTSSASS, ou RADICE, e orientado para um anti-design, para o anti moderno, o efémero, para a memória, a emoção, para o que é significativo, e simbólico, nos objectos. Ou a riqueza e ambiguidade que ROBERT VENTURI descreve, em 1966, a propósito de arquitectura, e que também se aplica de modo pleno no design: "Os arquitectos não podem continuar a sentir-se intimidados com a linguagem puritana e ortodoxa da arquitectura moderna. Gosto mais de elementos híbridos do que puros, (...) ambíguos do que articulados"³.

Em PÁDUA encontramos, de modo inelutável, a complexidade, o hibridismo, a ambivalência. Observamos os aparadores de 1989, com as suas cores vivas, em azul e amarelo, e o confronto entre materiais aparentemente antagónicos, que se harmonizam, por fim, de modo magistral; os troféus e jarras desenvolvidos nos anos 90, do séc. XX, nomeadamente as floreiras e castiçais desenhados em 1990, e as Jarras alusivas à Deco Revival, em 1994. Os candeeiros de pé, concebidos no âmbito da piscina coberta do Hotel Solverde, em cores primárias, 1989; os móveis de gavetas, 1986, em cor de rosa, ou, ainda mais admirável, o candeeiro de mesa, multicolor, realizado em 1985. Feito em aço cromado e acrílico, e que nos remete, pela semelhança nos pormenores técnicos, para o basculante candeeiro *Gherpe*, realizado em 1967, pelo grupo SUPERSTUDIO.

Neste candeeiro não se sabe a verdadeira intenção de PÁDUA sobre o recurso ao pexiglass colorido, e sobre o modo como toma partido das suas transparências, muito menos se sabe se PÁDUA conhecia a obra de LOURDES CASTRO, porém, é muito tentador fazer a analogia com a artista, sobretudo nas assemblages e silhuetas que realizou, utilizando acrílicos coloridos transparentes. Como a exemplo, as obras *Ombre portée d'un sac à provisions*, 1966, ou *in the café*, de 1964.

texto —————> Carla Carbone

¹ Milano, M (2018) Pádua Ramos: Do maneirismo à cultura Pop. Vol.2. ESAD – ideia. pág. 155

² Ibidem, pág 15

³ Venturi, R. (1966) Complexity and Contradiction in Architecture. The Industrial Design Reader. Ed. Carma Gorman. 2003. Pág. 184-185

DA ARQUITETURA AO DESIGN



PRÉMIOS MODA LISBOA -SANGUE NOVO



texto —————> Bernardo Semblano
fotos —————> Maria Gaggo



A Parq Magazine esteve à conversa com as jovens criadoras que saíram vencedoras da etapa final do concurso para jovens designers promovido pela ModaLisboa dentro do programa Sangue Novo. Este serve como uma plataforma para que novos designers comecem a lançar-se nas passerelles, promovendo o seu trabalho e, divulgando novos talentos.



@BÁRBARA.ATANÁSIO

Bárbara Atanásio (@barbara.atanasio)
Vencedora do Prémio ModaLisboa x RDD: estágio de 3 meses da RDD Textiles para desenvolvimento de coleção.

Como te sentes?

Com toda esta correria, ainda não acredito!

Qual a inspiração?

O meu processo criativo passa muito por pensar num conceito, fazer muita pesquisa e começar a trabalhar a partir daí. Neste caso, a minha inspiração foi a neo-nostalgia - o distanciamento dos pensamentos dos outros, a questão do digital que nos traz as vivências de toda a gente (as nossas e as dos outros). No fundo, vou buscar coisas ao passado, mas com o olhar distante de quem não viveu certas experiências.

O que esperas como jovem designer em Portugal?

Para além da empregabilidade e da questão monetária, espero poder viver enquanto artista, tanto em Portugal, como fora. Londres e Seul estão na minha lista mas, eu também não sou esquisita!

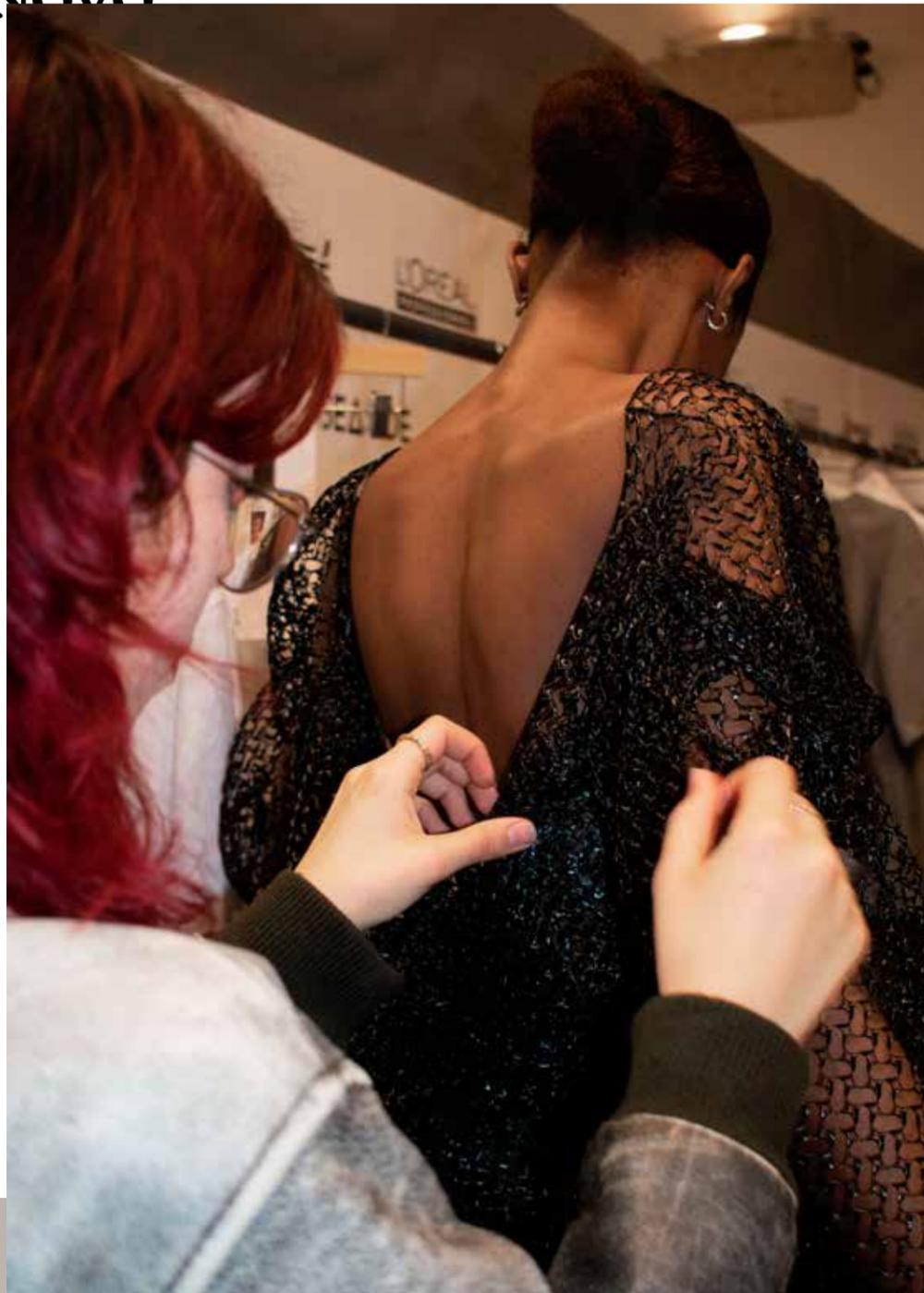
Quais os planos para o futuro?

Quero muito colaborar com outros designers para conseguir continuar a crescer.

O que significa para ti o For Good?

Para mim significa colaboração. Nesta indústria tão pequena o mais importante é conseguirmo-nos ajudar, sem estar a competir com ninguém.

PRÉMIOS MODA LISBOA -SANGUE NOVO



texto → Bernardo Semblano
fotos → Maria Gaggo

@I.S.Z.α_

Vencedora do Prémio ModaLisboa x IED: Master em Fashion Brand Management no IED Florença.

Como te sentes?

Um bocado fora do sítio, a tentar perceber se isto é real. Ainda um bocado em choque..

Qual a inspiração?

O meu foco enquanto designer é a parte da investigação dos materiais. Nesta coleção utilizei a impressão 3D para criar texturas plásticas.

O que esperas como jovem designer em Portugal?

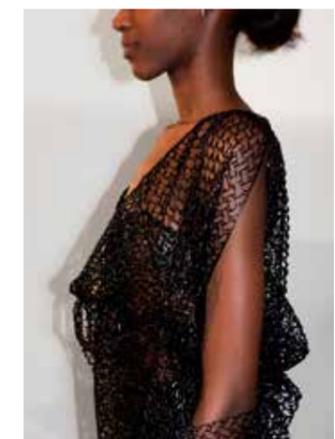
Eu espero trazer novidade. Espero também que o público se reveja e que sinta as minhas peças. Acima de tudo, que o meu trabalho seja verdadeiro para as pessoas.

Quais os planos para o futuro?

Pretendo aprender mais, sobretudo na parte mais tecnológica da moda. Para além disso, quero tornar as minhas peças cada vez mais usáveis e sem género. Mesmo indo para Florença estudar, vejo-me a ficar em Portugal para tentar abrir novos caminhos.

O que significa para ti o For Good?

Significa ser verdadeira comigo própria e com o meu trabalho. Representa também a expressão da nossa arte e do nosso interior. Sermos sinceros acima de tudo.



CASABLANCA EM PARIS

Um verdadeiro desfile em Paris não vive apenas da roupa, e das ruas cheias de gente que se acumulam por todo o lado. Numa cidade que se torna pequena para tanta gente entre desfiles e eventos, a verdade é que é a eterna cidade da Moda, onde todos sonham chegar com a sua visão.

Lugares exclusivos, reservados, acesso limitado e milhares de olhares. Será assim em cada desfile, mas o que torna cada um deles único é a forma como comunicam, e expressam a essência da sua marca.

CASABLANCA com o desfile Outono-Inverno 24 mostrou a inspiração na Grécia antiga, com os ritos de purificação e iniciação de Elêusis, *Venus As a Boy* foi o desfile em que CASABLANCA acentua a sua imagem, desfile após desfile. A combinação de cores, e as peças descontraídas, possíveis de serem usadas em qualquer altura do dia, mostra como a moda pode ser fácil de usar, sem perdermos a nossa autenticidade.

CHARAF TAJER, fundador e diretor criativo com a música de BJÖRK "*Venus as a Boy*" criou uma coleção que junta tecidos e cores que resultam muito bem como um quadro principal, mas claro que um desfile como este reúne arte sob diferentes formas. A música, o espetáculo em torno do desfile, criaram a moldura perfeita. Toda a atmosfera girava em torno de looks que nos dão a sensação de sermos únicos, e de sabermos exactamente qual o nosso ADN. A curiosidade de quem cria leva-nos para diferentes interpretações de beleza. Num desfile em que cada pessoa sentada a assistir teria um coordenado que gostava muito e lhe dava a sensação de ser uma pessoa, conforme mais à frente elegia outro coordenado como sendo o seu preferido, e dessa forma seria uma outra personalidade ou faceta da mesma pessoa.

No mundo de hoje não somos só uma coisa, um estilo, ou uma música. Talvez por isso, CASABLANCA juntou no mesmo dia, à mesma hora e no mesmo lugar um desfile que nos despertava a curiosidade. Não só do que viria a seguir, mas também de quem é que nós seríamos a seguir depois de vestirmos diferentes peças que desfilavam à nossa frente.

Sobre a Grécia antiga, sobre arte, diferentes culturas e abordagens à beleza. A curiosidade gera mais curiosidade. A música como céu, a arte como tela, e a cada passagem de cada modelo estava à nossa frente o quadro perfeito. Os ritos de purificação são isto mesmo. Uma forma de assumirmos outras formas depois de estarmos nos lugares certos.

Tajer tem transmitido a sua visão, e leva CASABLANCA a ter cada vez mais relevo e força na moda. As suas inspirações têm aberto a porta para um público cada vez mais atento, que compreende que a simplicidade por vezes é difícil, e só poderá ser entendida por alguns.

texto —————> Patrícia César Vicente
fotos cedidas por Casablanca









MANEL BAER é o fashion designer que vai querer conhecer para acreditar que por cá também temos “coisas” extraordinárias que merecem a nossa especial atenção.

Em Julho de 2022 MANUEL BAER GOMES, cria a sua própria marca –Manel Baer– que se destaca pela originalidade dos cores, texturas, misturas de materiais, sendo algumas peças pintadas à mão.

Com apenas 23 anos, o jovem designer tem um percurso que começou anos antes com a deslocação de Beja para Lisboa para estudar Fashion Design na Faculdade de Arquitetura. Terminada a licenciatura, teve a oportunidade de estagiar com VALENTIM QUARESMA onde em seis meses pode aplicar as técnicas aprendidas no curso que frequentou.

Mais tarde, concorreu ao projeto Beat by Be@t de onde saiu vencedor. O Beat by Be@t é um programa criado pelo Bcsd Portugal em colaboração com a ModaLisboa, que tem como finalidade estimular a criatividade para o eco-design da moda em Portugal. Para o designer, a sustentabilidade é a palavra de ordem, e é a partir do desperdício e das matérias não convencionais que surgem os seus melhores trabalhos. Isto pode ser, por exemplo, numa das peças que criou a partir de um para-quadras.

O estilo irreverente, urbano e sensual que o designer traz às suas criações, faz com que alguns nomes conhecidos, vistam a marca e se sintam próximos desta sua identidade. BÁRBARA BANDEIRA, SOLUNA, BLAYA, INÉS GUTIERREZ são alguns dos nomes que se enquadram no ADN deste criador.

Com MANEL BAER temos uma marca unissexo, onde as texturas e cores vibrantes fazem do street style um estilo único e apetecível a todos nós. Dos mais tímidos, aos mais ousados, todos conseguimos encontrar na sua coleção, a peça que complementa um look.

Neste momento o designer encontra-se a desenvolver a sua próxima coleção “*Chromatic Core*” –que será apresentada em Maio de 2024 no mercado p’la arte. O tema da coleção “provém de uma reflexão sobre a moda nos últimos tempos” de acordo com o designer “as pessoas têm vindo a divergir das cores para tons mais escuros e com falta da cor.”

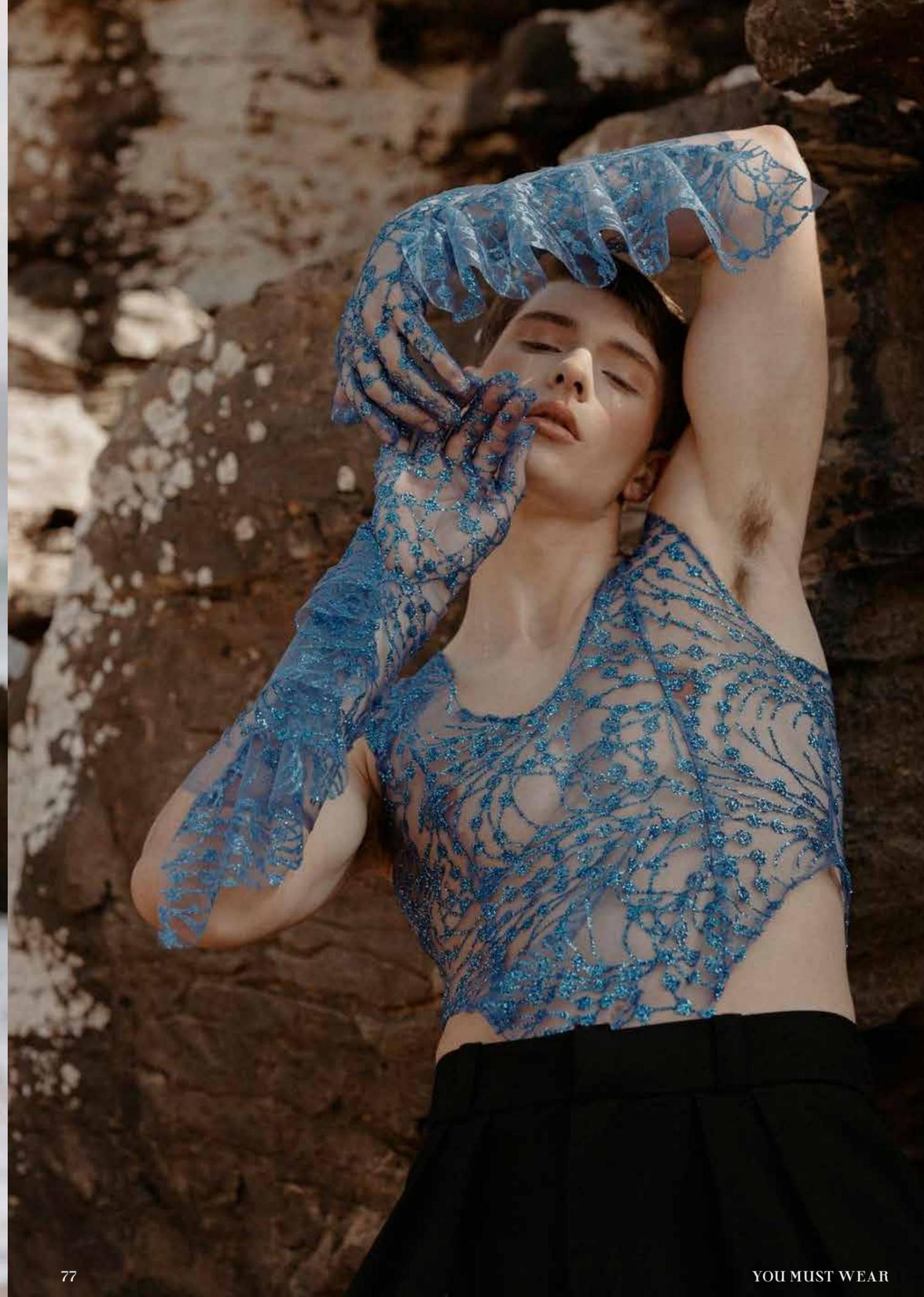
O designer pretende com esta nova coleção “celebrar a conexão inerente entre cor, arte e o espírito humano.” Com o objetivo de “inspirar uma apreciação mais profunda pela diversidade, vida e potencial criativo ilimitado dentro de cada indivíduo.”

SUSTENTABILIDADE É A PALAVRA DE ORDEM

foto de Christian Zimmermann
Stylist Pedro Chalbert
Mua Virgínia Paula
modelo Mário Clara agência Model Werk

texto —————> Taty Cool





ISABEL MARANT



ISABEL MARANT criou uma linha de óculos projetada para uma mulher moderna e sofisticada com um estilo poderoso. A linha "THE NEW" tem um design ousado com lentes sobrepostas na armação, criando uma ilusão inusitada de armação dupla. A linha "INLOVE" transmite a atitude desportiva e casual da marca, apimentada por combinações de cores pop e tons translúcidos da moda, em contraste com núcleos de fios metálicos coloridos.

Estas linhas são marcadas por formas contemporâneas e arrojadadas, elevando sua extrema ousadia. Volumosos estes modelos são uma forte declaração de estilo, mas mantendo uma sensação de leveza graças aos contornos biselados primorosamente trabalhados.

texto —————> Maria São Miguel



PALLADIUM



Desde 1947 que a PALLADIUM acredita que a vida é uma viagem. Não fixada no destino, mas nas experiências que se encontram ao longo do caminho e, é por isso, que a nova coleção primavera-verão oferece as ferramentas certas para abraçar cada momento ao máximo. Encontramos desde as clássicas botas de algodão, que fazem referência a silhuetas icônicas do arquivo da PALLADIUM, a tênis futurísticos, os destaques da nova coleção vão marcar esta estação quente e a história da marca.

Damos destaque a linha *Metropolitan* onde encontramos uma mistura de um estilo retro com inspiração moderna e detalhes técnicos. Por exemplo, os tênis de lona, os *Palla Ace CVS*, inspirados pelo arquivo e história desportiva da marca, estes modelos versáteis apresentam uma sola com recorte lateral em forma de diamante, que é uma referência à faixa diamantada das icônicas botas *Pampa*, e a bandeira tricolor na traseira é uma referência à origem francesa da marca.

Outro modelo que merece destaque até porque corta com a silhueta mais tradicional. São os *Troop Runner Outcity*. Inspirados na conjugação entre montanha e cidade. Os *Troop Runner Outcity* apresentam gáspeas em pele flexível com detalhes tecnológicos em nylon e tiras para um design mais moderno.

Já os novos *Pampa Underlayer* combinam o estilo intemporal da silhueta *Pampa* com um toque moderno e estival graças aos seus detalhes coloridos. Concebidos a pensar nas amantes de moda, este novo modelo apresenta pormenores em tecido e borracha cuidadosamente integrados na gáspea de lona resistente, que combina respirabilidade e robustez, proporcionando todo o conforto neste verão.



texto —————> Maria São Miguel

Para a próxima estação primavera/verão 2024, a nova 1774, coleção premium da BIRKENSTOCK comemora a interação entre o design funcional e a adaptabilidade que caracterizou a baixa de Nova Iorque durante as transformadoras décadas de 70 e 80. Durante este período, a cidade tornou-se num centro de experimentação e colaboração artística, onde os artistas criaram os seus próprios caminhos, alimentando a criatividade nos seus espaços únicos. Esta coleção celebra o impacto duradouro da expressão artística na cultura e na comunidade.

A coleção introduz seis modelos diferentes, incluindo dois novos: o modelo 33 *Dougal* inspira-se no design intemporal dos *clogs Boston*. Com uma pele lisa com um acabamento brilhante em tons neutros: black, carafe, moss green, e kurkuma. A fivela com a mesma cor transmite uma elegância discreta. A coleção 1774 *IV* apresenta também 222 *West*, que parece ser uma fusão entre o *Arizona* e o *Boston*, dois modelos icónicos da BIRKENSTOCK. Este modelo é apresentado em couro preto com fivelas cromadas, enfatizando a harmonia entre design funcional, mobilidade e liberdade.

A campanha foi pensada pelo fotógrafo MAX FARAGO com CASSI NAMODA, uma pintora nascida em Maputo, RAFAEL PRIETO, o artista que dirige a Casa Bosques, uma empresa de design, LOUIS MUELLER, um pintor americano do pós-guerra e a escritora COCO GORDON MOORE. Todos vivem em Nova Iorque.



Imagens de campanha por Max Farago
Styling por Thistle Brow

texto —————> Maria São Miguel



MADE IN JAPAN



Depois de a produção de denim ter chegado ao Japão durante a Segunda Guerra Mundial, numa época onde a utilização de maquinaria era racionada, os japoneses lançaram-se na produção desse pano de algodão a partir das antigas lançadeiras de tear à mão. O objetivo era chegar ao estilo americano de fabrico de denim a partir do que tinham, a sua maquinaria tradicional e conhecimentos artesanais que levaram a processos minuciosas que foram sendo aperfeiçoados ao longo do tempo.

Hoje, fruto desses avanços, o denim japonês é um dos tecidos mais cobiçados do mundo e a LEVITS®, através das suas coleções *Made in Japan*, continua a utilizar a abordagem japonesa à produção de denim. Com perfeitas aplicações de cor, técnicas de bordado artísticas e acabamentos inovadores, a coleção primavera/verão 2024 *Made in Japan* oferece uma visão diferente do denim.

Esta nova coleção *Made in Japan* da LEVITS® tem como base denim selvedge premium, proveniente da famosa fábrica de denim KAIHARA DENIM MILL, sediada em Hiroshima. Conhecida pela sua atenção impecável aos detalhes e dedicação à tradição, conseguida a partir da utilização de teares antigos, a sua técnica exclusiva de tingimento com corda ajuda-os a obter denim em tons índigo que se vão tornando mais bonitos com o tempo e o uso.



texto —————> Maria São Miguel

YOU MUST WEAR

ZÜRICH TECH



Em homenagem ao modelo intemporal *Zürich*, a BIRKENSTOCK apresenta *Zürich Tech*, a sua mais recente inovação. Tendo como base a inigualável linguagem de design de KARL BIRKENSTOCK, este novo modelo procura combinar perfeitamente funcionalidade e design para o futuro.

Inspirada na funcionalidade dos desportos de inverno, a clássica fivela BIRKENSTOCK é substituída por uma fivela preta monocromática e ajustável para personalizar o conforto em cada passo. Enquanto a utilidade e o aspeto da fivela ressoam com o mundo dos desportos, a sandália apresenta uma parte superior em camurça e uma sola exterior em EVA leve, que proporciona o suporte e a durabilidade ideais. O centro de todos os produtos BIRKENSTOCK, a footbed com formato anatómico também está presente neste novo modelo. As fivelas ajustáveis e materiais leves não só libertam o movimento como permitem abraçar os ritmos dinâmicos da vida.

Desenhadas para o indivíduo moderno que valoriza a forma e a função, as *Zürich Tech* vão tornar-se um novo elemento chave em qualquer guarda-roupa de streetwear.



texto —————> Maria São Miguel

YOU MUST WEAR

H24



A HERMÈS apresenta uma nova fragrância para sua linha H2. Desta vez lança o H24 *Herbes Vives* sempre a pensar no tal homem desportivo e urbano que não está em contradição com o mundo vegetal. Por isso mesmo CHRISTINE NAGEL, diretora olfativa da HERMÈS PARFUMS refere que procurou recriar para esta nova fragrância aquela experiência olfativa de quando chove na cidade e são libertados os aromas vegetais e de terra que invadem os nossos sentidos. Este perfume é então um bouquet fresco de ervas verdes que combina com arma de pêra e junta a molécula Physcool, que é responsável por dar uma sensação frescura típica do mentol sem o aroma da menta estar presente. A nova vivacidade da fragrância transparece nas linhas de um frasco moldado pela luz, símbolo sensível de um tipo diferente de masculinidade. A luz brilha através do vidro, bem como se difunde entre as folhagens depois da chuva.

texto —————> Maria São Miguel

BIG AND BOLD

- 1- Persol
- 2- Dolce&Gabbana
- 3- Isabel Marant
- 4- Dsquared2
- 5- Dsquared2
- 6- Dolce&Gabbana
- 7- Marc Jacobs
- 8- Emporio Armani
- 9- Boss
- 10- Carolina Herrera
- 11- Etro
- 12- Hugo



COSMIC

Chegada mais uma temporada de verão e a LOEWE acrescenta um nova fragrância à sua linha *Paula's Ibiza*, o *Cosmic*

Frutado, amadeirado e um fundo de âmbar, o *Ibiza Cosmic* da LOEWE é a primeira EDP a estrear na linha, ou seja um perfume com maior concentração de essências e como tal, mais forte e persistente. As notas de pêra fresca e manga succulenta são revestidas com resina aromática de cipreste. O adocicado creme de coco e baunilha são amplificados pela profundidade da madeira de cedro, a suavidade do sândalo e a mineralidade do âmbar. Tudo isto faz deste perfume sem género, uma fragrância intrigante, desperta para os valores espirituais da cosmologia misturado com os prazeres terrenos da psicadélica.

A campanha conta com TAEYONG a jovem sensação do K-pop atualmente embaixador global LOEWE.

texto —————> Maria São Miguel

SOMA BRANKO

“Eu mantive o meu método de trabalho bastante parecido. Já na altura estudava engenharia de som e entretanto aprofundei este saber mais técnico mas a partir dos 2000's tornou-se mais fácil fazer som, bastava um microfone SMD de 150 euros e um computador com uma placa de som. Desde aí houve muitos avanços técnicos, muita coisa que hoje em dia é mais fácil de fazer mas todo este som e estes géneros de agora devem muito a uma atitude DIY que apareceu nessa altura”.

BRANKO tem novo disco, chama-se *Soma* e está a dar que falar. A PARQ quis saber mais e foi ao estúdio da Enchufada, em Campo de Ourique, falar com ele.

JOÃO BARBOSA é o homem por detrás de BRANKO. Fez parte dos BURAKA SOM SISTEMA, fundou uma editora, a Enchufada e desde 2013 lança-se a solo, primeiro com um EP, depois com o magnífico *Atlas...* Lembra os BURAKA e o início da sua carreira a solo com saudade mas não saudosismo.

entrevista —————> Hugo Pinto



O primeiro álbum dos BURAKA SOM SISTEMA, *From Buraka To The World*, foi seminal e uma pedrada no charco cujos estilhaços duram até hoje, na altura tinhas consciência disso?

Quando o Afrotuga apareceu eu achei que era um som que iria rebentar no mundo inteiro, tal como por exemplo aquele som lounge de Viena. Porque é que tu achas que isso não aconteceu?

Acho que sim, há um momento quando te apercebes que as pessoas na pista de dança estão se a rever naquilo que estás a fazer e sentem-se representadas. Repara que eram os tempos do CAPTAIN KIRK e do clube do Mercado no Bairro Alto e a maior parte das pessoas que ali estavam era malta dos subúrbios, malta da linha de Sintra que apanhava o comboio e íamos todos desaguar ali aos Restauradores.

Maioritariamente por dois motivos. Um deles é a falta de estruturas, de uma indústria capaz de agarrar e dar voz e mundo a esses projetos todos. Quer os que foram criados, quer os que poderiam ter sido criados se houvesse esse apoio. Essa estrutura que tu tens em Viena, tens na Alemanha, e que embora seja local consegue ter contatos e impacto no mundo inteiro...

Por outro lado uma certa incapacidade de Marketing, de criares um movimento, de te bateres por um género, de seres embaixador de alguma coisa.

Nessa altura, quer nesse lounge em Viena, quer por exemplo no dubstep, as pessoas envolvidas sentiam-se parte dum movimento. Em Portugal estava cada um fechado na sua bolha. Em Portugal as pessoas acham super ofensivo imitarem-se umas às outras ou inspirarem-se umas nas outras. E hoje em dia, aquilo que sinto mais é que se celebram pouco as pessoas, os heróis e os arquitetos das culturas.

Tu vês os Estados Unidos e sabes quem, como, e onde é, que as coisas começaram. Tu sabes quem é o KRS-ONE, que ténis os RUN DMC calçaram, tu tens essa noção toda. Aqui em Portugal não. A memória apaga-se muito facilmente e uma pessoa desaparece.

Não há nomes de ruas na cidade de Lisboa de pessoas com menos de 500 anos. Façam agora uma rua SARA TAVARES. Agora é o momento para conseguirmos criar essa representatividade e essa perspectiva para que as pessoas da próxima geração saibam e possam criar alicerces. Caso contrário estamos sempre a começar do zero.

Pensa por exemplo naquilo que é um GOLDIE na cultura Drum And Bass. Ele é um herói, entrou em filmes, há marcas de roupa a chamarem-no para campanhas, há toda uma exposição. Eram pessoas que nós ouvíamos aqui há 20 anos. E em Portugal? Onde estão essas pessoas? Pessoas como o JOÃO GOMES por exemplo.

Durante a pandemia, no 25 de Abril, houve aquele momento mágico de tu com o Dino Santiago na Avenida mas tu não és um tipo muito político, não te vejo envolvido em causas políticas...

Não é uma coisa que me chame, não me sinto de todo ativista. Obviamente que há momentos que são muito especiais para mim, um deles é descer a Avenida da Liberdade no dia 25 de Abril. Seja com amigos ou com o cão, a filha, a namorada, seja com quem for, essa tarde está sempre marcada para descer a Avenida. A minha ideologia está muito mais aí. Na celebração da liberdade, da diversidade, da representatividade e de todas essas coisas.

Tu também tens uma loja de sneakers no Chiado, a Komum, como é que te surgiu essa ideia?

Sempre foi algo que eu cultivei e admirei mas na pandemia tive tempo, fechado em casa, para explorar mais e aprender e apercebi-me que era algo que eu gostava mesmo e que sentia falta de haver um espaço que tivesse uma perspectiva mais abrangente e que se afastasse das marcas e modelos que estão a sair no momento mas que se interessasse mais por modelos antigos e por edições icónicas.

E é um sucesso?

É obviamente um negócio de paixão mas não dá prejuízo. Eu adoro lá ir e passar uma tarde com a equipa que lá está na conversa sobre ténis e modelos relacionados com a música como os modelos de MF DOOM ou DE LA SOUL.

E há também a ENCHUFADA?

Mas não foi, nem é, só em Portugal que há esta fusão atual de música electrónica com ritmos nativos, da Nyege Nyege em África, aos sons da América Latina. Há qualquer coisa de fresco a acontecer...

E tu que és bastante viajado, a que som deveriam os nossos leitores estar atentos agora?

Qual foi o primeiro disco que fez de ti produtor? Qual foi a primeira vez que ouviste um disco e pensaste que era por aqui que querias ir?

Estamos no teu estúdio, isto é o teu playground?

Quando lhe pergunto por uma peça no estúdio com que tenha uma relação afetiva...

E vários softwares?

A pandemia afetou muito as estruturas destas microempresas na área cultural. Nós passámos de estar muito ativos, com muitos EPs, compilações e artistas novos, para uma perspetiva mais a longo prazo. Agarrar num artista, trabalhar num projeto e acompanhar esse projeto. Trabalhar para álbuns e construção de carreira. Aquela coisa do 12” para a pista deixou de nos interessar. Agora estou a trabalhar com um MC moçambicano chamado IRON BR11 e estamos aqui os dois a construir o álbum, a desenvolver as coisas e quando sair já é uma coisa mais estruturada.

Sim, há um momento muito interessante que é a interseção de uma música mais ancestral com este lado eletrónico. Isso já gerou muitas cenas musicais, desde a cumbia eletrónica ao Médio Oriente do OMAR SOULEYMAN e esta sintetização acaba por criar uma normalização e uma facilidade do acesso à música muito maior do que se aquilo fosse tocado por um instrumento ou por outro. Mas aquilo que eu acho mais interessante ainda é olhar para a pop nacional e ver um artista como o SLOW J a esgotar dois Altice Arenas. São 40 000 pessoas a pagar bilhete para ver o SLOW J. Mais atrás o NÉLSON FREITAS lançar um disco e ter um milhão de plays em 24 horas. De repente tu percebes que este desbloqueio, este som, estava mesmo aqui. É muito interessante perceber que isto que está a acontecer é uma revolução do underground mundial mas, no nosso caso aqui em Lisboa, isto já está mesmo na pop.

Há tanta coisa a acontecer interessante no mundo inteiro agora que se torna difícil manter um pin aqui ou ali mas... Talvez daquilo que eu estou mais atento e acompanho seja o Brasil. Eu acho que está a haver um bocadinho de revolução na cena indie rock ou indie samba que finalmente começou a adotar estas nuances mais eletrónicas.

Por exemplo os TUYU que participam no *Soma* estão a fazer um caminho incrível nesse sentido, toda a geração de vocalistas e artistas de Salvador como a LUEDJI LUNA por exemplo, pessoas que estão a fazer algo entre a electrónica e a dança até ao som mais terra a terra. Eu acho que a transversalidade desses artistas é mesmo muito especial.

O *Endroducing* do DJ SHADOW... Porque eu conseguia ouvir as colagens. Na altura em Inglaterra havia o Drum and Bass mas tinha um lado muito técnico que me aborrecia, enquanto aquela coisa da colagem, agarrava-me.

Sim sim, para mim não há nada mais emocionante que estar aqui e por exemplo, chegar aí uma vocalista e ficarmos aqui uma tarde e uma noite a construir uma coisa juntos.

Entre conversar para nos conhecermos, entre perder a vergonha e avançar com uma ideia. Essa dança é onde eu me sinto em casa, eu fazia isto todos os dias.

Por um lado eu consigo começar e acabar um disco inteiro num laptop, não preciso de mais nada, sempre vi o laptop como a minha máquina de expressão máxima. E quando viajo para sessões de estúdio, não levo teclados, não levo nada para que não me sinta “obrigado” a usar nenhum equipamento só porque o levei.

No início sim, porque os programas eram muito segmentados naquilo que faziam. Um Fruity Loops pra produzir bateria, drums... Um Sonic Foundry Acid para sequenciar a música... O SoundForge para editar e equalizar... Hoje já fazes tudo num DAW, (Digital Audio Workstation), seja um Ableton Live, seja um Logic.



Mas voltando a este estúdio e a uma peça que não dispensas.

Este compressor para mim é algo que eu meto em tudo, em voz, baixo... Até o nome é interessante, chama-se Distressor e é de uma marca chamada Empirical Labs. Ele é mono e tudo o que seja mono passa sempre por aqui para dar aquele aquecimentozinho. E depois vai pra dentro da máquina e já não o uso mais.

Neste disco fiz um processo um bocadinho diferente, um bocado de humanização do beat. Um pouco na escola do J DILLA e afins. No sentido em que se, por exemplo, tenho uma linha de baixo e guitarra e estão a tocar as duas em simultâneo e estão certas uma com a outra, eu acabo por mexer o meu beat no grid para ele bater certo com o que estava a ser tocado. De alguma forma nem todos os compassos são iguais, o que é um bocado pesadelo para um dj porque é mais complicado mas aqui dei primazia a esse lado, a que fosse o meu beat a ir de encontro ao que está a ser tocado.

“É curioso termos começado por aí porque o início para mim da produção deste *Soma* é eu a ir atrás dos meus próprios samples, do início da minha carreira a solo, um voltar atrás a trabalhar com músicos... Embora já tivesse algumas coisas gravadas, o início pra mim foi nos estúdios Namouche ali em Benfica, com 9 dos músicos mais importantes da minha cidade, e que são os arquitectos deste som de Lisboa, a improvisarem em cima de beats meus, live, num espírito muito de jam session. Quase todas as bases do álbum vêm desses três dias de improvisação...”

“Falei com o JOÃO GOMES (COOL HIP NOISE/SPACEBOYS/CAIS SODRÉ FUNK CONNECTION) e expliquei-lhe a ideia: 3 dias, cada dia com uma banda diferente, eu levo beats e todos a improvisar em cima dos beats que eu ia lançando e isso servir de base...”

No primeiro dia foi o JOÃO GOMES, IVO COSTA na percussão, o MAYO que é baixista do PAULO FLORES e o guitarrista DANILO LOPES que toca nos FOGO FOGO com o JOÃO.

Depois, no segundo dia, JOÃO GOMES claro, o guitarrista JORGE ALMEIDA que toca por exemplo com SLOW J, o percussionista IÚRI OLIVEIRA e o baixo do FRANCISCO REBELO.

No terceiro dia em vez de uma banda optamos por chamar solistas, JÉSSICA PINA no trompete, DIOGO DUQUE do jazz. E aí fizemos só eles a solar em cima do que já tínhamos gravado.”

“Depois fechei-me aqui no estúdio e trabalhei nesse material todo. Transformar essas improvisações de 20 minutos em canções de 3 minutos. Depois quando abordei os vocalistas foi com os temas já bem mais avançados. Ao contrário do que costumo fazer, quando chamei os vocalistas já havia 6 meses de trabalho, já tinha tudo mais editado, já tinha frases de guitarra e momentos em cada tema. Musicalmente aquilo já estava com umas 3 layers em cima e 6 meses de trabalho antes mesmo de alguém abrir a boca”.

Está a ficar mais pop!

Acho que não, mas talvez haja uma série de texturas e nuances que as pessoas estão mais habituadas na música pop... Um baixo acústico, aquele som de guitarra... Mas eu não vejo a música em si nessa direcção... E se pensarmos que a música eletrónica definiu a pop nos últimos anos, eu aqui até me vejo a afastar-me dessa ideia dos idm que andaram aí e que tomaram conta dos CALVIN HARRIS e DAVID GUETTA.

Tenho aqui temas que têm 13 co-autores. O “*Mood 11*” com o JUNE FREEDOM e o DINO SANTIAGO por exemplo. É uma coisa um bocado idiota se eu tiver que licenciar aquilo para um anúncio ou um filme calham dois euros a cada um (risos). O importante é mostrar que todos eles participaram na construção do tema e o tema só ganha com isso.

O *Atlas* era, como o nome indica, mais global. O *Soma* é mais tuga?

Acho que sim, o *Soma* é de Lisboa sem dúvida. No *Atlas* os BURAKA ainda estavam a acontecer e o *Atlas* era um exercício meu enquanto produtor que tinha coisas que não conseguia aplicar ao grupo e precisava de agarrar numa mochila e ir a 5 cidades e nessas 5 cidades vou explorar e gravar com artistas diferentes todos os dias.

No *Soma*, mas também no *Nosso* e no *Obrigado*, são discos que eu já construí na base do BRANKO ser um artista sozinho. Já não sou eu a pensar nos problemas e questões de um grupo mas sim eu a fazer o meu caminho, com a minha identidade o meu percurso e obviamente que essa identidade é marcada pelas pessoas que estão à minha volta e o meu universo aqui em Lisboa.. E o *Soma* ainda mais porque estes músicos todos com vocalistas que de alguma forma também estão relacionados, como o JUNE FREEDOM, que embora seja um norte-americano e faça carreira nos Estados Unidos, é de origem cabo-verdiana. Ou uma CARLA PRATA que apesar de estar a fazer a sua carreira em Inglaterra, também é de origem angolana... Essas pontes estão a ser traçadas com artistas globais mas que sabem o que está a acontecer aqui em Lisboa.

Há temas no *Soma* a pedirem mesmo uma remistura, pensas nisso?

Penso claro. Quer em remisturas, quer em produtores a fazerem versões de alguns temas, já tenho inclusivamente duas ou três programadas. Do mesmo modo que saiu um *Atlas Expanded* com material que ficou de fora numa primeira edição, também aqui tenciono fazer o mesmo. Coisas tipo chamar uma pessoa pra meter um verso, desafiar um vocalista pra fazer algo com um tema. Esse tipo de dinâmica é algo que estou sempre à procura.

No *Atlas* havia uma forte componente audiovisual, quer ao vivo quer na série de programas de tv. No *Soma* podemos esperar o mesmo?

Sim sim. Eu tenho muito essa coisa de levar a vida real para o palco. De meter o público a ver momentos de estúdio, ver como os cantores gravaram as coisas. Eu tenho sempre essa pancada de gravar tudo um bocado. Tenho sempre umas GoPros a gravar em estúdio.

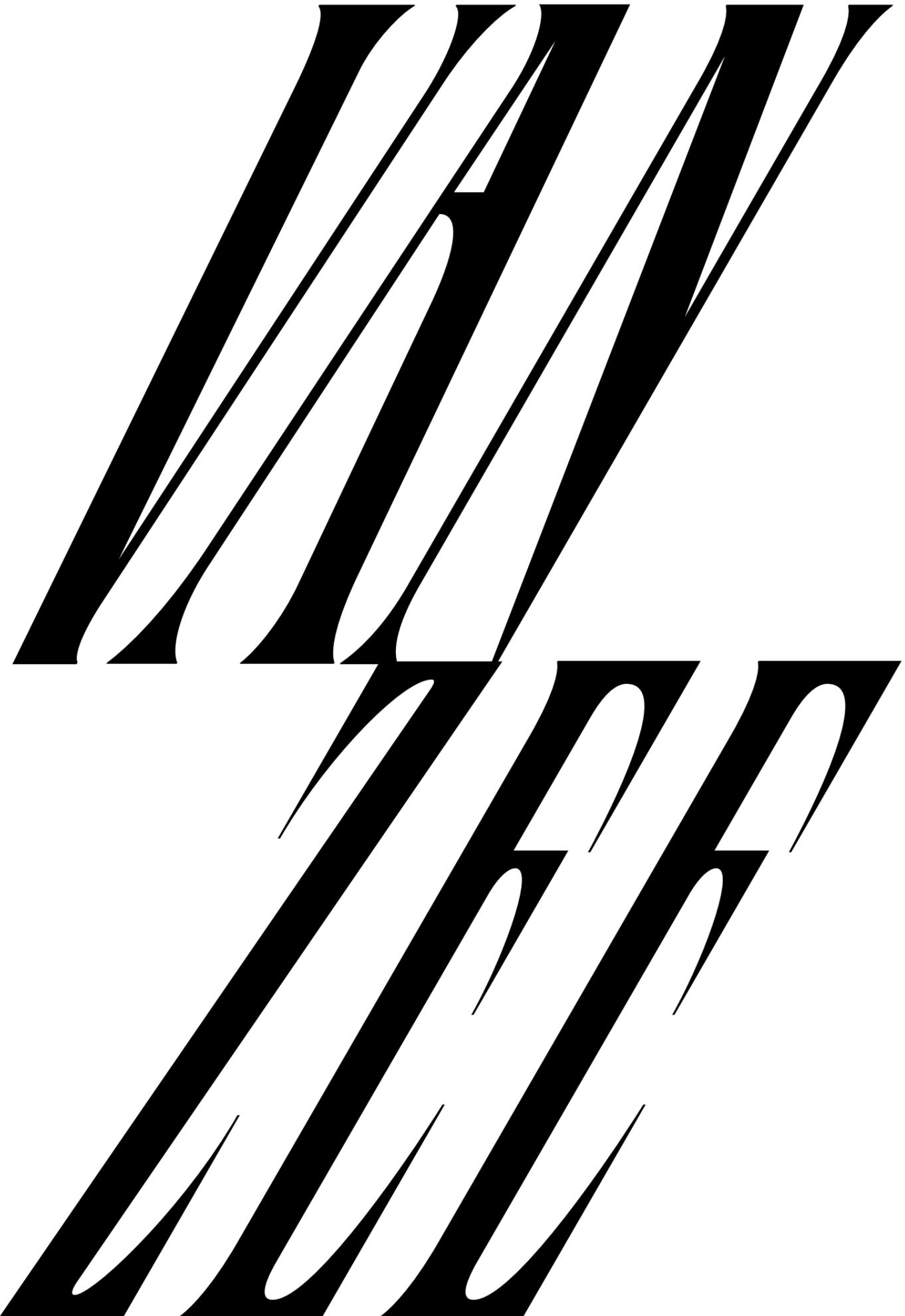
Nestes concertos levo também dois músicos que estiveram comigo na gravação para o palco. O DANILO LOPES e a OLA MEKELBURG, ela está a fazer teclas e voz, o DANILO guitarra e voz.

E o *Soma* vai para a estrada, o que podemos esperar neste futuro próximo?

Agora tenho essas duas pessoas comigo porque este disco pedia isso. Vou andar por auditórios e alguns teatros por esse país fora porque comecei a fazer isso no *Nosso*. Levar a música eletrónica para fora dos clubes, para teatros onde as pessoas embora sentadas possam acompanhar a viagem que eu estou a fazer em palco, através do vídeo por exemplo. Vou à Casa das Artes de Vila Nova de Famalicão por exemplo, também a alguns festivais como Paredes de Coura e depois dia 28 de Novembro vou apresentar esta gente toda no Coliseu.

É uma celebração?

Para mim sim. Para quem, como eu, cresceu em Lisboa e a viver tantos momentos emblemáticos da música no Coliseu. Acho que nestes 20 anos de música, não houve uma semana em que eu não pensasse que queria chegar ao Coliseu. E agora vai acontecer. Vou meter isto tudo em palco.



Esta é uma história que começa na Ilha da Madeira, mas cujas vibrações chegaram muito mais longe do que os seus limites geográficos. Van Zee, descontraído e bem-disposto, chega ao estúdio como se fosse só mais uma paragem do seu International Business.

Esta postura sorridente é totalmente justificada pelo sucesso do seu projecto mais recente, do.mar, assim como pelo entusiasmo genuíno que se gerou à volta da sua música. Com duas datas recentes a esgotarem no Capitólio e outra no Hard Club, a música de Van Zee está a chegar a cada vez mais ouvidos. A frescura do seu som faz-nos acreditar que as músicas com dez milhões de streams vão continuar a levantar voo.

talent VAN ZEE
fotografia MARIA RITA
direcção criativa e styling TIAGO FERREIRA
cabelo e make-up PAULO FONTE
entrevista ALEXANDRE COUTO
ass. make-up JOANA ESPARGO
ass. styling JENNIFER BERLIN,
TATJANA JOURDAIN

Agradecimento especial a Stivali Lisboa

Um artista é sempre um tastemaker, quer tenha noção disso ou não. A nossa conversa mais ou menos assim, num começo da carreira de Van Zee em que essa clareza não estava tão presente. Havia, no entanto, um entusiasmo. Uma vontade de trazer para ilha da Madeira algumas das referências em que já mergulhava, até na sua ambição de criar música.

“Era a única chance que eu tinha de trazer a minha visão para os eventos na Madeira onde era sempre a mesma música. Estava na organização dos bailes de estudantes e das viagens de finalistas da associação, mas estava num ano anterior ao meu, porque eu sempre tive isto de querer estar ao pé dos eventos.”

Como tinha feito a minha pesquisa, ao conversar sobre o começo da sua carreira, também aproveitei para perguntar ao Van Zee se o primeiro concerto dele tinha sido logo a abrir para Halloween. Teria sido um takeoff daqueles.

“O primeiro, primeiro, não foi. Mas foi daquela fase em que eu ainda nem considerava as coisas gigs, só pegava no microfone e cantava um bocado. At the end of the day, o meu primeiro gig mais a sério sim, foi a abrir para Halloween.”

Esta proximidade do mar e das referências que chegam por avião, acabou por nos levar para uma conversa sobre a relação com a Madeira. De forma detalhada, e com grande maturidade artística, o Van Zee explicou-nos alguns desafios que teve com a criação de um público e a forma profunda como isso acabou por mudar a sua relação com o público madeirense. Agora quer conquistá-los.

“No início, o desafio nem foi a insularidade. O meu primeiro som teve um engagement superior ao que devia ter tido e isso criou um standard, mas depois tive dois anos e tal em que a minha música não era ouvida. O meu problema estava a ser sobretudo não me ligar ao sentimento de que a minha casa tinha de me ouvir e representar. O meu maior struggle foi aprender que não era só porque era madeirense que as pessoas tinham de me ouvir; isso vem como uma consequência da qualidade do meu trabalho.”

Aviso importante, curto bué do som do Van Zee. Já tinha pesquisado a faixa com sample do Cartola no Youtube ainda antes de saber que ia fazer esta entrevista. Já tinha reflectido sobre a dicotomia entre canções pop contemporâneas altamente melódicas e aquela vibe bragadoccio que encontramos, por exemplo, na International Business.

“Há espaço para os dois. Há dias em que estás full of yourself e há dias em que questionas as tuas decisões. Como o processo criativo é tão subconsciente, tu nem tens controlo. No meu processo eu sinto mesmo que não tenho grande controlo. Acho que todos os artistas são inspirados pela vulnerabilidade, só atinges o teu potencial assim. A tua arte tem mais a ver com a tua relação com o mundo do que com o que estás a tentar fazer.”

Na minha cabeça, meti Van Zee junto de Brockhampton e de Dominic Fike, o tipo de canções pop com cuidado nas melodias, nas letras e num certo instinto para captar o zeitgeist. Um tipo de mistura moderna que junta vocais melódicos com sequências de rap e alguns coloridos de R&B, numa produção que não só quer ser fresca, como também quer ser crocante. Falamos sobre referências, sobre a origem delas:

“Acho que as referências não são importantes as in no meu papel de criança a consumir música que me estava a moldar; mas onde estou hoje consigo reflectir na presença da música desde cedo.”

O seu ouvido atento para as tendências também está atento às características dos diversos estilos. Uma certa ousadia que se torna uma ferramenta do artista e que abre caminho à exploração.

“O hip-hop é feito de reutilização, de samples e de usar a arte de outras pessoas para trazer benefícios para a nossa. Trazer um bocado de nostalgia também. A utilização de músicas antigas, de flows, de beats e até dicas de letra que te transportam para outra altura e chegam ao ouvinte.”

Esta mudança de onda da conversa para a música em si, permitiu-me falar com Van Zee sobre quais são os músicos com que tem gostado de trabalhar e quais são as relações que tem vindo a explorar na sua música.

“Eu gosto imenso de trabalhar com o Nort e com o Frankie. O Nort foi a primeira pessoa a picar-me a cabeça para elevar a minha performance. Acho que aprendemos imenso um com o outro porque ele tem um conhecimento mais técnico e eu tenho algo mais intuitivo. Esse balanço deu-me uma boa infraestruturura. O Frankie junta o conhecimento técnico ao instinto e é bom curador dos elementos certos para criar uma peça que fique no tempo.”

O que também ajudou bastante a sua percepção musical foi a mudança para Amesterdão, onde aprendeu a navegar a cultura de uma forma muito mais humana. Essas lições ficaram para o Van Zee músico, mas também para a pessoa que este jovem de vinte e três anos se está a tornar.

“Também me ajudou a conhecer outras culturas e o quanto somos small fishes. Talvez tu estejas a julgar o comportamento das pessoas porque não tens noção nenhuma da cultura delas. Quando comesas a conhecer pessoas de diferentes zonas, comesas a perceber determinados traits das pessoas. O que tu conheces não é quase nada, isso foi bué fulfilling.”

Não podíamos acabar esta entrevista sem falar sobre a moda, muito menos quando o Van Zee está a acompanhar o seu projecto musical do.mar com um merchandise composto por duas peças de roupa. Perguntei-lhe como se desenvolveu esta relação entre música e moda.

“A moda não foi algo que tenha adquirido muito novo. Venha de um meio em que toda a gente é muito parecida. Não quero dizer que toda a gente é igual, mas criam-se padrões e não há uma cultura de usar a forma como te vestes para a tua identidade. As pessoas compram roupa porque precisam e se não forem uns calções de quatro bolsos beges que sirvam para a pesca já nem vão pensar nisso. Amesterdão teve esse benefício para mim, mostrou-me malta que usa o que for, quando for e não há aquele bias. Estão-se nas tintas. Na Madeira é muito standardizado.”

Esta simbiose entre moda e música acaba por ser um passo natural para o artista, até porque é mais uma forma de expressão do que sente e das tendências que captura.

“Adoro quando na Madeira as pessoas olham para mim não porque me reconhecem, mas porque estranham o meu fit. Quero expressar-me através das coisas simples. Desde que comecei a levar a música a sério que comecei a conhecer malta que tinha marcas, foram essas pessoas que me motivaram, conhecer malta que são sinais do universo para tu interpretares. Foi algo que senti no momento e ainda hoje em dia. Ganhei um carinho.”

Sejamos sinceros. O Van Zee teve um grande ano de 2023 – é natural que queira para trazer para 2024 algum desse embalço. Quando lhe pergunto, encontro uma tranquilidade que não deixa de transparecer algum entusiasmo. Acima de tudo, sinto que Van Zee está seguro do seu percurso e disposto a saborear o que vem a seguir.

“Eu não preciso de ir para a Altice Arena para me sentir concretizado, preciso é de estar feliz todos os dias a trabalhar para isso. Como artista e como pessoa, é mais importante todos os dias fazeres um effort para estares concretizado do que fazeres isso para num dia no futuro ires celebrar. Nada me vai pagar o prazer de passar do Capitólio para o Coliseu, é a ordem natural das coisas, quero mais milestones.”

E nós, como uma espécie de controladores aéreos, ficamos a olhar para o radar onde Van Zee cada vez que se destaca mais. Chegar ao céu parece muito mais fácil para quem já veio de avião.

casaco e calças ACNE STUDIOS
ténis AXEL ARIGATO



casaco DRIES VAN NOTEN
tank top JW ANDERSON
calças JACQUEMUS
sapatos SAINT LAURENT
saco de viagem BOTTEGA VENETA



E essa cara brilha mais que a lua
Juro com uma luz que é tão tua
E se acabar o tempo e eu me confortar com o medo
Choro por mais um momento de alma nua
E essa cara brilha mais que a lua
Juro com uma luz que é tão tua
E se acabar o tempo e eu me confortar com o medo
Choro por mais um momento de alma nua
Paro por um segundo com teu cabelo à chuva
Diz-me se vale à pena, ya viver para esta luta
Cause I've been through it all
São 3 da matina and I'm waiting for your call
Baby, call me
Eu quero esse lifestyle mesmo à Louis with tha' rollie
I put that on myself, G, no hustle, nos meus homies
Acredita 'tou ca' firma desde o começo
Gs tão a dar bué small talk e eu juro que nem os conheço
Quero notas roxas no meu wrist
"Tava bem numa praia em Ibiza
Far away from all of this
Vou fazer o meu e ser quem sou como o meu cota disse
Ele tá bem eu sei, I'm on my way to make my momma rich



casaco JACQUEMUS
camisa MAISON MARTIN MARGIELA
calças BOTTEGA VENETA
sapatos SAINT LAURENT



Mano, eu já perdi o chão, não perdi o love

That's cause I got brothers that are watching from above

Dava-lhes o mundo, mas my bro that's not enough

Shit got tough

Shit got rough

E 'tava nublado, nublado, nublado

E eu nublado no block sem ti

Eu quero mudar, mudar, mudar

Mas tão mudado eu perdi-me

E essa cara brilha mais que a lua

Juro com uma luz que é tão tua

E se acabar o tempo e eu me confortar com o medo

Choro por mais um momento de alma nua

E essa cara brilha mais que a lua

Juro com uma luz que é tão tua

E se acabar o tempo e eu me confortar com o medo

Choro por mais um momento de alma nua

E eu entrei bué tarde, era hábito

Um gajo ficava a pensar no tempo

Agora fico a pensar num rari, no ice e na lifestyle mais cara

E claro que é normal eu ficar mais ausente

E se eu me focar na tua cara

boné ACNE STUDIOS
tank top JW ANDERSON

Just for long enough, eu juro-te compro-te uma mala
Por teres carregado o meu passado assim do nada
Com a saudade e a mágoa dum gajo
Valorizo ter-te by my side
Really feel like this is a family tie
Isso é ride or die, ou é quê, baby?
Isso é ride or die, ou é quê, baby?
E 'tava nublado, nublado, nublado
E eu nublado no block sem ti
Eu quero mudar, mudar, mudar
Mas tão mudado eu perdi-me
E essa cara brilha mais que a lua
Juro com uma luz que é tão tua
E se acabar o tempo e eu me confortar com o medo
Choro por mais um momento de alma nua
E essa cara brilha mais que a lua
Juro com uma luz que é tão tua
E se acabar o tempo e eu me confortar com o medo
Choro por mais um momento de alma nua

casaco e calças ACNE STUDIOS
tênis AXEL ARIGATO

Compositores: Afonso Paulo Alves / Sebastiao Sales Caldeira





camisa COMME DES GARÇONS
saia BOTTEGA VENETA
sabrinas ALAIA

”Uma conversa é sempre interessante, sempre.
A partir do momento em que há vontade de a ter.”

talent LEONOR SILVEIRA @ AGM
fotografia MARIA RITA
direcção criativa e styling TIAGO FERREIRA
cabelo e make-up PAULO FONTE
entrevista ALEXANDRE COUTO
ass. make-up JOANA ESPARGO
ass. styling JENNIFER BERLIN,
TATJANA JOURDAIN

Agradecimento especial a Stivali Lisboa

Foi com esta citação notável que começámos a conversa com Leonor Silveira, actriz que dá uma cara ao trabalho de Manoel de Oliveira e, por extensão, a todo o cinema português.

“Uma conversa é sempre interessante, sempre. A partir do momento em que há vontade de a ter.”

Falamos do mito inicial que sempre foi verdade? Antes de acabar o liceu, Leonor Silveira acompanha uma amiga a uma audição na Madragoa Filmes – seria este o momento em que tropeça numa colaboração com o maior realizador do nosso cinema. Foram 18 filmes com Manoel de Oliveira.

“Eu acompanhei uma amiga a uma audição na Madragoa Filmes. Pediram-me para cantar. Eu disse que só sabia cantar os parabéns.”

Pelos vistos, a escolha da canção não foi um problema. Leonor não estava planeada nas audições e, por esse motivo, a sua audição foi parar à cassette das morenas, mesmo no fim (e mesmo quando era loira).

“Fiquei no final da cassette das morenas. O Manoel estava em conversações e a cassette das morenas continuou a dar. Quando chegaram ao fim da cassette e apareci, o Manoel disse que era ela.”

Por muito verdadeira que seja, é uma história que mantém os contornos de mito urbano, mas quando partilho esta sensação com a Leonor, ela conta-me um verdadeiro mito urbano acerca do seu trabalho (e que talvez esteja a ser escrito pela primeira vez).

“Há outro mito urbano, aquele de que não existia. Foi o Manoel que ouviu na Biennale. Vivía algures no interior do Portugal e não era actriz.”



camisa COMME DES GARÇONS
saia BOTTEGA VENETA
sabrinas ALAIA

Uma conversa com a Leonor Silveira é sempre uma conversa que contempla o mestre. A reverência como fala de Manoel de Oliveira revela um cuidado que podia, e devia, ser transversal às audiências portuguesas. Por muito duro que seja o seu cinema, é também um monumento. Por nós, podíamos passar o dia a ouvir as suas experiências com o realizador.

“A direção de atores do Manoel de Oliveira não é um processo a que um actor possa estar habituado. Havia uma rigidez e uma teatralidade, mas essa mesma rigidez punha-nos num espaço que era propício para a interpretação.”

E mesmo quando o cinema de Manoel de Oliveira passou a poder ser caracterizado pelo olhar da Leonor Silveira, a actriz continuava a acarinhar cada convite dele para uma nova colaboração.

“Era sempre uma honra quando o Manoel de Oliveira me chamava para mais um filme. É bom não darmos nada por garantido.”

Perguntamos a Leonor se ainda se sente #blessed por ter tido a oportunidade de trabalhar dezenas de vezes com o maior realizador do cinema português.

“I was blessed with it. Por ter sido a actriz do realizador Manoel de Oliveira.”

Quando lhe perguntamos qual foi a maior lição que retirou desta experiência, densa e desenvolvida ao longo dos anos, tem o cuidado de nos inspirar.

“Ser esponja. Os espaços onde estamos, os cheiros, ser humano. Sermos humano para começar. Nós temos de absorver até ao som das nossas palavras, os sons à nossa volta, o que temos de nos aproximar e de nos distanciar. Um realizador sabe o seu filme e onde quer chegar e conta com a nossa ajuda. Como animais que somos, aproveitar tudo aquilo que está à nossa volta. Os nossos colegas, quem nos toca. Com a exigência vem também uma certa simbiose.”



”Eu revejo-me nos traços clássicos, em peças mais tranquilas e menos extravagantes e não há nada que me interesse no decotado, só no traço e no desenho que permitem a figura e a elegância.”

camisa MAISON MARTIN MARGIELA

Como queremos conversar com a Leonor Silveira sobre moda, mas também queremos continuar a ouvi-la acerca do seu processo, levamos a conversa para o figurino, para este espaço estético tão peculiar.

“O boneco, o figurino, o fato em si ajuda-nos a compor toda a nossa parte de acting e a construir o personagem com a sua movimentação. A roupa pode determinar isso ou fazer o oposto e atrasar também, como um espartilho. O colorido dá-nos uma energia ou retira-nos um universo. É essencial que o figurino se encaixe no que o realizador procura do actor e permite ao actor construir a personagem.”

Sobre moda, apresenta-nos um ponto de vista complexo, observador, mas também empírico e pessoal. Comenta connosco como é preciso ter uma certa maturidade para a saber encarar, para não deixar a moda fazer de nós o objecto.

“A moda pode ser absolutamente mágica para uma mulher ou uma arte extremamente violenta. A moda pode ser uma forma de nos sentirmos princesas, rainhas e dragões. Ou dragões, príncipes e reis.”

O seu gosto é o reflexo de uma carreira em que a moda foi sempre um acessório, uma ferramenta com que enfrentava o mundo enquanto promovia o cinema português por cá, assim como além-fronteiras.

“Eu revejo-me nos traços clássicos, em peças mais tranquilas e menos extravagantes e não há nada que me interesse no decotado, só no traço e no desenho que permitem a figura e a elegância.”

Tem uma noção muito presente de que a moda pode ser a nossa aliada, mas que também pode ser nossa inimiga. A preocupação com a próxima tendência e com o conhecimento total podem tornar-se fontes de ansiedade, até numa arte que nos ajuda a navegar o mundo.

“A moda pode nos violentar na forma em que não encaixamos, que não sabemos o suficiente. Quando se torna uma obsessão. Deve haver sempre um interesse orgânico, aquilo de que se gosta.”

Ao longo da sua carreira, Leonor foi distinguida com a Ordem do Mérito, foi nomeada Membro da Academia de Belas-Artes de Paris e Dama da Ordem das Artes e das Letras pelo governo francês. Perguntamos-lhe sobre a importância destas distinções.

“As minhas distinções? São muito boas é para o cinema português.”

Quando lhe perguntei se se considerava uma embaixatriz do cinema português, devolveu-me a pergunta. A sério? Posso responder? Não tenho dúvida nenhuma de que sim. A Leonor deixa-nos com mais um episódio sobre o quanto nos representa:

“A fotografia da Ema do Vale ter sido escolhida para poster da Quinzeine des Cineastes coroou vários filmes portugueses presentes nessa constelação. E tirámos uma foto em frente da cara da Leonor Silveira, termina aí como um símbolo ou uma imagem representativa do cinema português.”

camisa COMME DES GARÇONS
saia BOTTEGA VENETA
sabrinas ALAIA



camisa MAISON MARTIN MARGIELA
calças COMME DES GARÇONS





colete JIL SANDER
camisa COMME DES GARÇONS
calças BOTTEGA VENETA
sandálias JACQUEMUS



Ainda tivemos tempo de conversar sobre a sua passagem para a televisão, depois de uma carreira longa, dedicada ao cinema. Apesar da parceira com Manoel de Oliveira ser a mais longa, Leonor também trabalhou com João Canijo e João Botelho, entre outros. Como foi essa transição para a televisão?

“A primeira vez que eu fiz televisão foi com a Terapia. Eu conhecia a série do formato americano do Gabriel Byrne. Tivido a Sara Carinhas a chamar-me para a Terapia deu-me logo vontade de entrar na série. Foi um início mágico.”

E, numa nota final acerca dos sacrifícios que ser um criador artístico em Portugal podem implicar, a Leonor apelou à resiliência.

“Eu acho que os criadores em Portugal e no cinema sobretudo, precisam de resiliência. É quase uma fé, em si, e em que vale a pena continuar. Se fosse pelo lado financeiro, já tinham desaparecido. Tem de haver gosto na arte. Crença, resiliência, fé.”

Para acabar, deixa-nos com um conselho para o nosso próprio progresso. Numa era de redes sociais, em que parece cada vez mais importante ser capaz de fazer barulho, Leonor remete-nos para o caminho oposto, para absorção e para a audição atenta do outro.

“Aquilo que se perdeu e que nos enriquece muito, é saber ouvir o outro. Saber ouvir – isso está ligado à curiosidade, à vontade e à humildade. A construção de um caminho, através de saber ouvir. E isso liga-se ao audiovisual, ao cinema, à pintura, à poesia.”

”Aquilo que se perdeu e que nos enriquece muito, é saber ouvir o outro. Saber ouvir –isso está ligado à curiosidade, à vontade e à humildade. A construção de um caminho. Através de saber ouvir. E isso liga-se ao audiovisual, ao cinema, à pintura, à poesia.”

camisa COMME DES GARÇONS



PETRICHOR,

O CHEIRO DA CHUVA



Vestido *Trompe l'oeil*,
CONSTANÇA ENTRUDO,
2021

texto → Carla Carbone
foto → Bruno Mesquita

O tema da água foi sempre central na vida humana, e moldou a sua subsistência.

São vastas as histórias da mitologia em que divindades, sobretudo gregas, teceram enredos com o mar, e com os rios, tentando domá-los, ou simplesmente procurando atravessar as suas vagas. Um dia o mar trazia-lhes boas novas, outras vezes um inimigo, fantasmagórico, que os desafiava, pondo em perigo as suas existências, ou a dos humanos.

Pela incomensurabilidade do mar, pela imprevisibilidade líquida, as histórias, na tradição humana, foram registando, no tempo, a importância da água, e a impossibilidade de, o ser humano, viver sem o seu recurso. Havia um respeito pela sua força, pelo desconhecido, e não se ousava tanto desafiar a sua vontade.

É impossível viver sem água, o ser humano é constituído por 65% de água, os outros animais, ainda mais – estes, tal como a água, também foram sendo esquecidos, e a diversidade da natureza, aniquilada pela crença destruidora, e pelo princípio do etnocentrismo.

O homem também se fixou, no tempo, nos lugares onde a água foi abundante, facilitadora da irrigação dos solos, e do transporte de mercadorias. Onde rareou, as populações não sobreviveram, ou tiveram que se deslocar para regiões onde oferecia melhores condições.

As malhas urbanas atuais são exemplos corpóreos dessa condensação de populações ao longo da história.

Todas as actividades humanas precisam de recursos hídricos. E, tal como a circulação sanguínea num corpo, é matéria-prima para a indústria, e um meio para gerar energia.

Mas a água não tem sido, apenas, alimento para o corpo, também nela existe uma dimensão simbólica e psicológica, que infelizmente tem vindo a degradar-se, sobretudo na era industrial. Com a tomada de consciência da situação ambiental, que agora se agudiza, fruto de uma investida sobre o planeta, (muito por conta de um capitalismo furioso que se enfatiza, e a crença da superioridade do homem sobre a natureza), o último Porto Design Biennale (2023) teve, como tema central a água.

FERNANDO BRÍZIO, o seu principal curador, comissariou uma grande exposição na Casa do Design, chamada: *“Petrichor, o cheiro da chuva”*. No seu cerne estava a reflexão em torno da água, como um recurso que precisava de ser entendido, compreendido, e estudado. Na exposição BRÍZIO questionou: “O entendimento que temos da água é, de um modo geral, superficial, redutor: vemo-la sobretudo como um recurso, uma superfície líquida aprisionada, separada da restante matéria. Isto restringe o modo como nos relacionamos com ela. Prevê-se que em 2030 haja um défice de 40% de água em relação à procura. Como podemos cuidar do que não conhecemos bem?”¹.

Por este motivo foi constituída uma plataforma-laboratório transdisciplinar, no tempo da exposição, de observação, reflexão, e experimentação, onde as várias dimensões da água, como a propriedade orgânica, visível, invisível, entre outras, foram trabalhadas.

A exposição encontrava-se dividida em vários temas: “Bestas Prometeicas: Formas do humano; Realidade Mágica: Viver com o (des)conhecido; Corpos de Água: onde a água se torna comum – Matéria vegetal, carne, mineral; paisagens Dinâmicas: Margens que dançam, fronteiras que não existem; Rios voadores: Repensar as representações da água; Geologias Afetivas: A história viva de uma receita”².

FERNANDO BRÍZIO, em resposta a uma situação preocupante, como a escassez de recursos hídricos, que se agudiza cada vez mais no mundo, procurou, de forma responsável, e junto da sua equipa, “apresentar estratégias que contribuam para reconhecer, reparar, restaurar e pensar novas relações com o mundo”³, bem como “projetar melhores e mais eficientes usos da água”⁴.

Nesta preocupação em recuperar, consertar uma condição ambiental que nos afeta a todos, BRÍZIO, apela a uma conexão com o mundo, no sentido de “desenvolver práticas que pensam em corpos coletivos, em cooperação, em coexistência. Práticas de empatia e partilha, de preservação e cura, de hidratar, nutrir, reparar, falar com estranhos, práticas de cuidado com o outro, gestos essenciais à nossa existência”⁵.

Na exposição mostram-se trajes espaciais e compararam-se os mesmos com vestes de peles de animais usadas por Xamãs. Uma evocação às práticas mágicas e espirituais ancestrais, como a dança da chuva, que, através de um ato ritualístico, procuram diluir a matéria, e irradiar no espaço cósmico. Essa perspectiva incorporada sobre a matéria também pode ser encontrada num renovado olhar sobre a água. Água que se dilui e atravessa os corpos, como elemento transformador, que confere vida.

Sucedem-se máscaras de caretos de Bragança, chocalhos, alicates articulados, um incrível capacete KM 97 W/MWP, de KIRBY MORGAN, rostos evocativos de tempos longínquos e práticas rituais.

The Book of Mud, ou Livro de Lama, do artista ALICHERRI, surge exposto e lembra-nos o poder da água como agente de infortúnio, mas também a capacidade de nos fazer recordar a nossa finitude e a impotência face aos elementos da natureza, ou, ainda, o desejo do Homem em proteger-se dela, ou de a controlar.

O fogo como exemplo da sobrevivência do homem; a exposição deste elemento aos macacos de Inuyama como estudo do comportamento dos animais; o recurso do mesmo em ritos; são tudo exemplos que se podiam encontrar na exposição.

Figurava também a alusão à tradicional choupana móvel do pastor de Lagarinhos, em Gouveia, espécie de arquitectura móvel que protege do clima; a menção ao projeto *Fog-X*, do LEXUS DESIGN, 2023, que consiste no fabrico de um casaco que tem a capacidade de recolher 10 litros de água; a jangada de metal; o lavatório Sabão Azul e Branco, 2022. A mesa suspensa, negra, com objectos do STUDIO BOIR, 2021; a *Salad Sunrise* e a *Postage Scale*, da DROOG DESIGN, ou ainda a bilha de segredo, oriunda de Miranda do Douro. Entre muitos outros objectos, susceptíveis de promover a nossa reflexão sobre a água.

Também são impressionantes as imagens microscópicas produzidas por EMOTO, sobre as configurações da água nos diferentes ambientes sonoros.

¹ Folha de sala da exposição “Petrichor, o Cheiro da Chuva”, 19-10-23 a 03-12-2023, Porto Design Biennale 2023, Casa do Design, Matosinhos
^{2,3,4,5} Ibidem

vista geral da exposição





Caretos de Salsas, Portugal
CHARLES FRÉGER, 2010



Beauty Hairbrush,
BLESS (INES KAAG E DESIREE HEISS),
1999



Unseen, sunglasses,
BURO BELÉM, 2014

ENZO

CUCCHI



Enzo Cucchi
Culturgest
Rua do Arco do Cego, 50
até 30 Junho
Culturgest.pt

© António Jorge Silva, Culturgest

Com curadoria de BRUNO MARCHAND, *Mezzocane*, reúne uma seleção alargada de pinturas, esculturas e desenhos que ENZO CUCCHI realizou nas últimas duas décadas. Esta exposição do artista italiano, torna-se propício a um balanço do que restou da *Transvanguardia*, movimento lançado por um influente crítico de arte e que reunia um conjunto de jovens artistas italianos dos anos 80 entre os quais estava CUCCHI. O certo é que desde a *Arte Povera*, a Itália deixara de ter um movimento “vanguardista” para se apresentar num plano internacional. Contudo, a *Transvanguardia* como o próprio vocábulo induz, referia-se a um momento revisionista que de facto punha em causa esse tempo linear e progressivo. Era pois, um momento revisionista da pintura, um volte face em relação ao minimalismo, a desmaterialização e a um grau zero a que a arte contemporânea se propunha chegar no seu processo progressista. Vivia-se na época um processo de reunificação da Alemanha que punha em evidência que mesmo dentro da Europa que a vanguarda era um fenómeno local que a própria guerra fria produzira várias vanguardas, a tempos diferentes, que o fim do muro de Berlim, pós por fim face a face, criando uma percepção de um certo relativismo cultural visto agora de uma forma mais global. É nesse sentido que o novo expressionismo alemão que incluía alguns artistas da ex RDA é acolhido internacionalmente provocando outros episódios regionais onde a pintura ganha novo interesse. É neste contexto que também o grupo da *Transvanguardia* que ACHILE OLIVA BONITO coloca no âmbito do Pós-modernismo vence igualmente um grande interesse internacional.

Nessa época ENZO CUCCHI lança um conjunto de telas de grande dimensões onde o que predomina é o traço, um desenho que irrompe pela tela conduzindo a uma figuração frágil. Há uma gestualidade livre que se condensa em imagens fragmentadas que se constituem como um mapa de signos com um carácter simbólico abertos as diversas leituras. Ou seja, os fragmentos que se estendem pela tela de forma enigmática enfatizam de facto essa bidimensionalidade com que deciframos com o olhar uma mapa “do tesouro”. A matéria pictórica em si, os campos de cor são igualmente residuais e igualmente simbólicos e também eles são parte dessa leitura que nos é revelada. O artista convoca-nos para o seu território sensível onde há uma materialização das suas idiossincrasias que não são estranhas a qualquer espectador comum. A relevância da sua obra na época valeu-lhe uma exposição individual no Museu Guggenheim de Nova Iorque, logo em 1986, quando tinha apenas 36 anos.

Na sua figuração há algo de intemporal porque a materialidade da cultura é o cimento ao qual todos somos convocados. Essa perspectiva mantém-se, agora alargada para a esculturas que no conjunto de obras reunidas na Culturgest ganham até alguma predominância. O artista revela estar à vontade nos diferentes media e a própria instalação das peças ganha grande relevância no conjunto de toda a obra mostrada. De forma mais metafórica tudo faz parte de uma única tela e os artifícios expositivos não são de menor relevância que os objetos expostos.

Em geral pequenos, especialmente quando falamos das esculturas em cerâmica e em bronze. Em alguns casos parecem até maquetas de estudo para algo de maior monumentalidade projetado para um espaço público. As referências ao classicismo estão lá, numa imagética que já não convoca o poder e a submissão ou glória dos povos, mas pelo contrário, nos eleva a matéria do sonho. Há cabeças, casas, crânios, mãos e muitas vezes chamas, animais comuns e mitológicos, coroas de espinhos, e outros sinais contundentes, tudo como se fossem arquétipos, as sombras do mundo real projetado que se constituem como pequenas narrativas, sem estabelecer um aparente discurso.

Apesar do longo percurso de ENZO CUCCHI, é interessante verificar que a sua obra recente mantém uma grande vitalidade, e esta exposição é bem representativa de uma arte inconformada que procura sair dos seus próprios paradigmas que vai cristalizando. É relevante verificar como as únicas telas que sobrevivem, se assim podemos dizer, não passam de grades cobertos por uma malha metálica que realmente recebe alguma matéria pictórica figurativa quase residual.

São quadros que permitem que se veja para além da superfície se possa atravessar o espaço da tela que acabam por ressaltar um certo um vazio e espaço aberto, ganhando tudo uma mesma materialidade mais ou menos densa tal como podemos pensar no conceito espacial apontado por FONTANA. Esta referência a uma tradição de arte contemporânea italiana, ou a outros aspetos explorados pela *Arte Povera*, tudo somados fazem de ENZO CUCCHI um artista do seu tempo, que o mesmo será dizer, o artista que interioriza o seu tempo sensível, seja próximo ou longínquo, para estruturar e projetar a sua visão do mundo.



© Vera Marmelo





© Raquel Montez



© António Jorge Silva, Culturgest



© António Jorge Silva, Culturgest

SEGUNDO ATO**“TEMOS A MESMA
MARCA DE ÁGUA!”**

Talvez fosses a pessoa certa, mas conforme o tempo passa, mais essa ideia se desvanece e a minha vida acontece noutra direcção. As pessoas certas não reagem com malícia. As pessoas certas aguentam as viradas da vida, e já viveram o suficiente para saber que só devemos nos insurgir contra quem nos faz mal. Não dar ouvidos a quem o nosso instinto nos diz que mente. Quem nos protege, defende e deseja o melhor em silêncio, usa o modo fantasma. Evapora-se. Tem certeza de quem foi, e isso é suficiente. Mesmo que possam ter errado, usaram apenas o coração, e defendem os seus. Mesmo que isso lhes custe um preço bem alto. É normal que as pessoas se afundem e vivam de aparências. É um jogo triste em que ninguém ganha, mas quem mais perde é quem não viveu. Por isso, vivo. Já estive nesse lugar, e somente lamento. Profundamente. Sinceramente. Os amigos não são tão amigos. Atraiçoam-nos. E os sonhos ficam sentados à espera. O riso torna-se fácil quando os dias são iguais. O tormento de nada parecer estar certo, mesmo depois da casa estar arrumada, a sensação de nos obrigarmos a aproveitar o momento que criámos para nós mesmos. Estamos a ganhar e mostramos que está tudo bem.

Damos ordem ao cérebro, ao coração à pele, ao pensamento e a todos os órgãos do corpo para que se convençam que estão no lugar certo. Mas é a alma que não te vai deixar dormir. Os fantasmas. As perguntas sem resposta. Toda a gente precisa de um lugar para descansar, e isso é difícil quando estamos a viver uma vida que há muito tempo já não é para nós, mas nós insistimos. As mentiras, as falsas esperanças de que com o tempo tudo se esquece e volta ao lugar. Mas é tarde. O veneno já nos entrou no corpo, e não há antídoto. Nunca houve. Os fantasmas mudam de casa, mudam de pensamento, os fantasmas mudam o coração do lugar. Percebem que podemos ser como ondas do mar, ter o mesmo sal e água na medida certa.

Mas mesmo assim é errado. O melhor é beijar a areia do que continuar no mar. O melhor é viver a vida que Deus quer para mim, longe de quem ainda anda à pancada com o que sente, e pouco dono das suas vontades, apenas dono das suas aparências porque já é o pouco que lhe resta. Isso é uma migalha para quem já tanto viu do mundo. Impressiona-me o amor, a dedicação e quem selecciona onde aplicar o seu tempo. É melhor beijar a areia, correr o mundo, e sentir o sol vibrar em cada poro da nossa pele. Há sempre quem nos beije. A nossa liberdade é um preço muito alto a pagar por quem não percebe de caviar.

–
Tenho o número do Céu, acho que devias ligar. Podes derrapar, as coisas vão fugir do controlo. Não é por mim, juro que é apenas por ti. Mesmo. Estou noutra, mas é impossível não desejar que estejas bem seja lá onde for, um alguém que é feito da mesma areia, do mesmo ar, da mesma água, mas juntos nos íamos queimar um ao outro. O orgulho funciona como gasolina num lugar em que já não há confiança para que sejam feitas vénias sem medo de que nos cortem a cabeça. A vida é um mistério. E o meu tempo agora é gasto com outras caras, e outros lugares que cuidam de mim. Respiro, sinto-me segura, posso ser só eu e isso é o suficiente para que me abracem. As ondas serão cada vez mais altas, e quando sentires que te estás a afogar, mergulha, fica lá em baixo e volta ao de cima com a força que nos caracteriza, aos dois. Não vivemos felizes para sempre, mas para sempre seremos iguais como duas marcas de água feitas à nascença.

Liga para o Céu, a tecla 2 é para aconselhamento.

Fim do segundo ato!

(cont.p182)



REFRACTIONS

fotografia MARIA GAGGO @mariagaggo.visuals
styling EDUARDO TOBAR @eduardotobar98
ass. fotografia RAGE CREATOR @rage.creator
ass. styling FÁBIO GIRÃO @meias_cor_de_rosa CATARINA GUTERRES @catarinas.area
modelos ANGELINA @angel_ina.mdz GELSON @gelsonthewaves @centralmodels

Agradecimentos à Universidade Lusófona

macacão ALVES/ GONÇALVES, calças
ANA MARICATO, colar TOUS





malha BÁRBARA ATANÁSIO,
óculos de sol BALENCIAGA



looks totais LEVI'S



casaco GANT, manga ISZA, jardineiras
MESTRE STUDIO, calçado LACOSTE

casaco RENATO LUIZ, calções
LACOSTE, saia MANEL BAER,
óculos de sol CALVIN KLEIN, colar TOUS





macacão ALVES/GONÇALVES, calças ANA MARICATO, colar TOUS

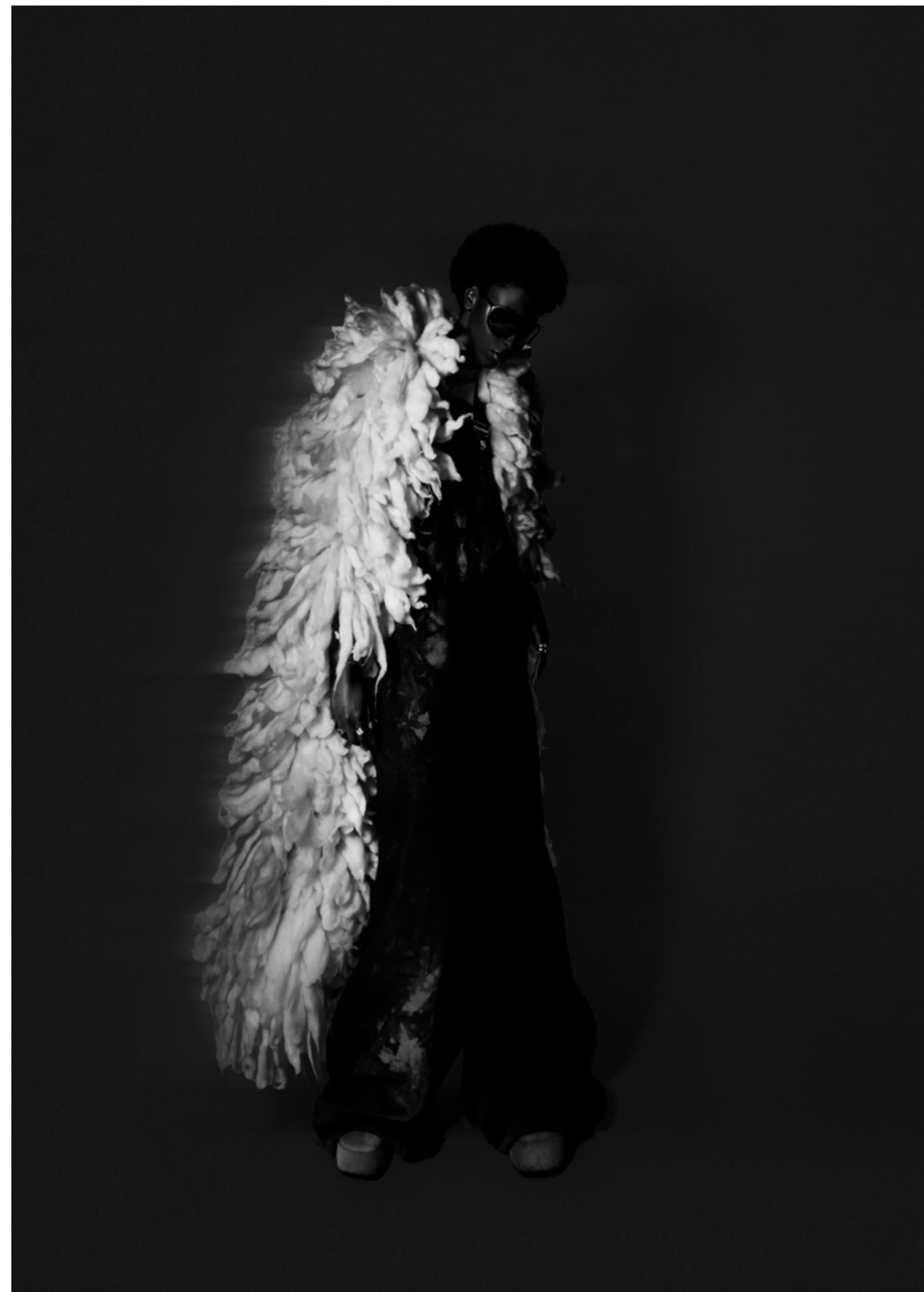


casaco PINKO, calças BÁRBARA ATANÁSIO, óculos de sol KARL LAGERFELD

casaco RENATO LUIZ, calções LACOSTE, saia MANEL BAER, óculos de sol CALVIN KLEIN, calçado LACOSTE, colar TOUS



malha MESTRE STUDIO, óculos de sol POLAROID, anéis PORTUGAL JEWELS

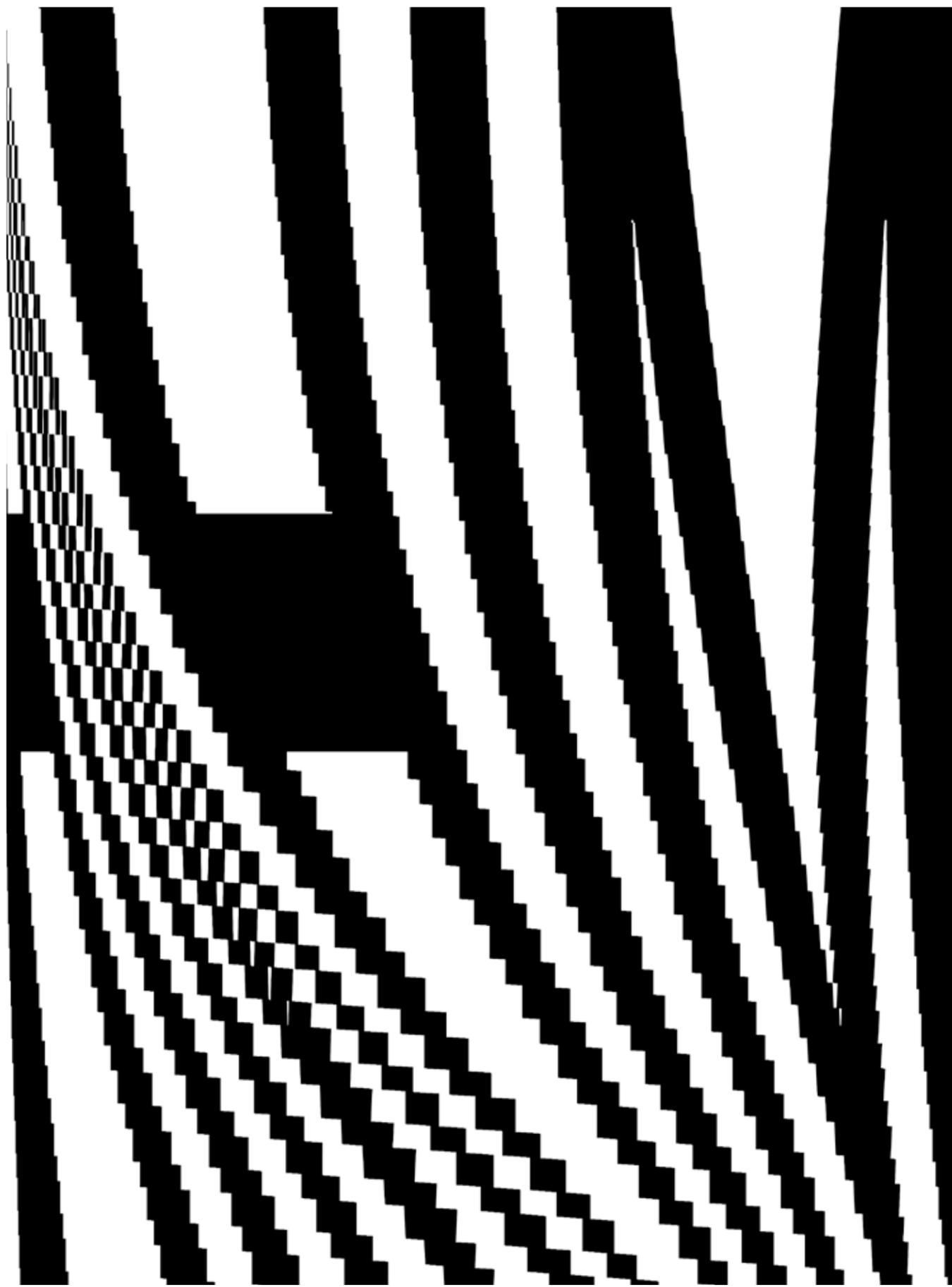


top ANA MARICATO, casaco MESTRE STUDIO, jardineiras BÁRBARA ATANÁSIO, calçado FLY LONDON, óculos de sol POLAROID, anéis PORTUGAL JEWELS

top LACOSTE, calças de ganga PINKO,
calças transparentes ARNDES, calçado FLY
LONDON, óculos de sol BALENCIAGA







fotografia DIOGO NAVY
produção CENTRAL MODELS
make-up RAQUEL BATALHA
texto FRANCISCO VAZ FERNANDES

blusão DINO ALVES



Tens um álbum a sair. Está envolvido em grande secretismo. O que podes dizer sobre este novo trabalho?

Este trabalho esteve a ser desenvolvido durante os últimos dois anos.. veio de um processo de auto descoberta musical e pessoal. Posso dizer que este álbum tem quatro fases que viajam entre a conexão, paixão, desconexão e autoconhecimento.

Porquê chamar-se *Opia*? E quem é que esteve na produção?

Opia fala da sensação de vulnerabilidade em estar a olhar para alguém nos olhos, algo que quis transmitir com este álbum. Sinto que é como quem estivesse a ouvir, tivesse livre acesso a temas que normalmente não falaria. O álbum contou com um grupo incrível de produtores, músicos... Compositores a quem agradeço imenso por terem me ajudado a exprimir tudo aquilo que precisava para o álbum estar cá fora. O álbum também é visual e tive o prazer de trabalhar com um grupo incrível de pessoas que também deram cor as músicas através dos vídeos.

Desde quando foi pensado e como foi todo o processo de produção?

Iniciei o processo de criação do álbum há praticamente dois anos. Decidi escrever sobre os temas mais presentes no momento, que no caso era amor e desamor. Como escrevia sobre o que se estava a passar no momento, acabei por ficar com uma linha do tempo da evolução pessoal que essa história me trouxe.

As tuas músicas falam sobre o quê e dirigem-se a quem?

Dentro do álbum tenho músicas que falam sobre amor, abandono, saudades, esperança, dúvidas, autoconfiança, valorização pessoal, etc. Acho que depusitei muito de mim, e dos meus sentimentos nas letras das músicas. Posso dizer que há músicas que têm destinatário, mas na sua maioria, são como conversas de mim para mim, quase como se estivesse a ouvir os meus próprios pensamentos.

Quais são os teus objetivos em termos musicais? Até onde gostarias de chegar?

Neste momento quero que as minhas músicas possam tocar as pessoas que as ouvirem. Esse é o meu maior objetivo no momento. Com certeza não quero parar por aqui e sei que ainda há muitas histórias que quero trazer para a música.

Que referências trazes para ti e para a tua música?

Consigo encontrar referências em vários momentos do meu dia a dia, desde as músicas que estou a ouvir, até as pessoas que me rodeiam, frases que oiço com as quais me identifico. Neste álbum juntei alguns artistas que admiro muito e sem dúvida que a troca que tivemos durante o processo do álbum inspira-me até hoje.

És um jovem em início de uma carreira, o que pensas da tua geração?

Acho que temos muitos artistas cheios de talento nesta nova geração. Fico muito feliz em ver pessoas à minha volta a lançarem os seus primeiros projetos nesta mesma fase.

Qual a tua relação com a moda?

Desde pequeno que vejo a moda como uma forma de expressão. Sempre gostei de explorar coisas novas e de não me prender ao que é esperado de mim. Sinto que é uma forma de te dares a conhecer sem precisares falar.

Para a realização dos teus video-clips que ideias trazias, quem as conseguiu concretizar?

No álbum conta com 10 músicas e para cada uma fez-se um vídeo, ou seja, são 10 vídeos. A minha maior preocupação era que os vídeos conseguissem passar as emoções que eu queria transmitir com as músicas. Dentro dos vídeos posso dizer que há várias mensagens que talvez não se percebam à primeira, mas também acho que há beleza em não explicar tudo e deixar algum mistério. Tenho que agradecer a toda a equipe que esteve envolvida na criação dos vídeos. Foram 4 dias intensos para captar todas as imagens dos 10 vídeos. Não foi fácil mas valeu a pena.

TIAGO BANDEIRA

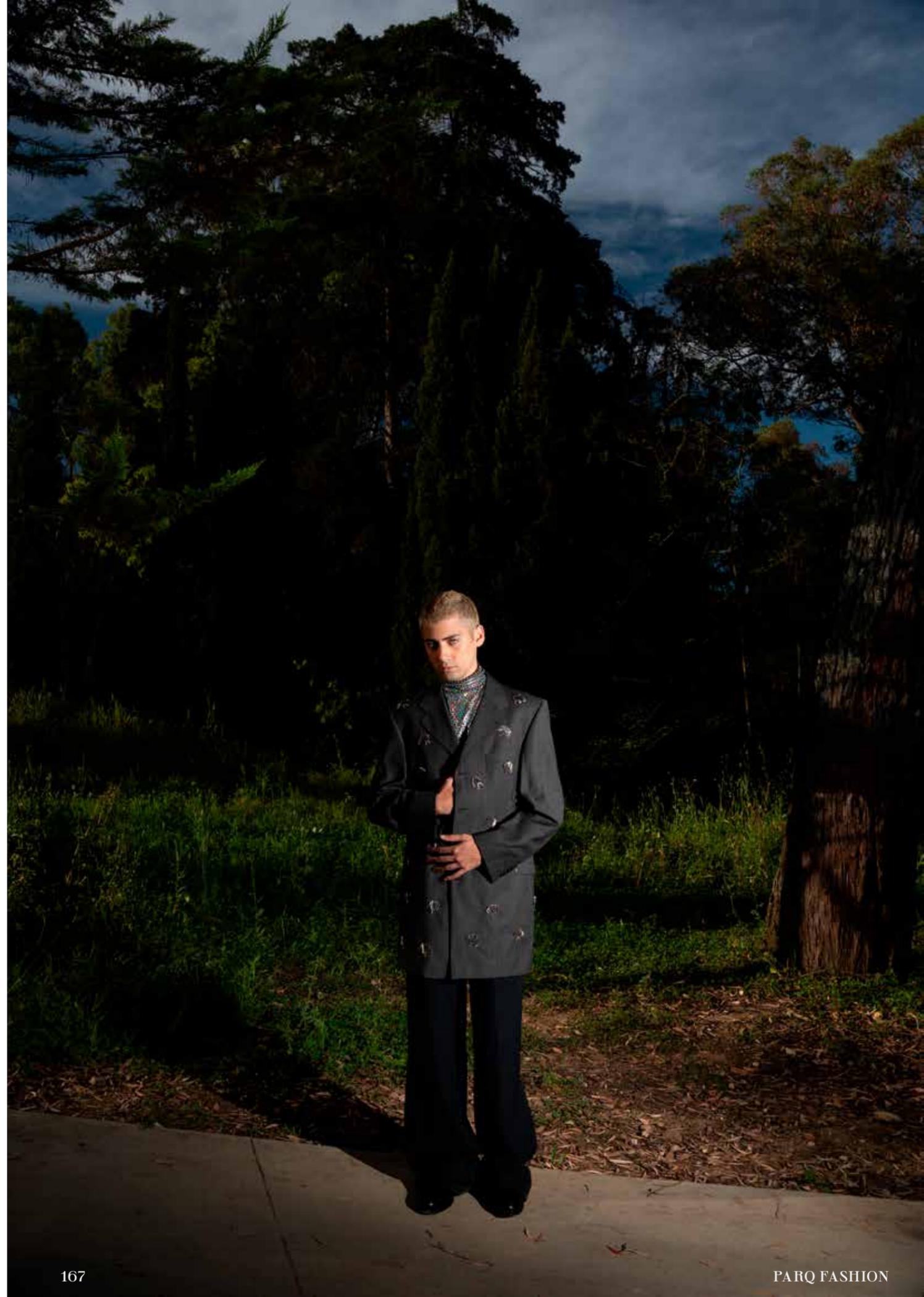




look total DINO ALVES



casaco 2nd upcycled label DINO ALVES x MISTER MAN, calças e top DINO ALVES





look total DINO ALVES



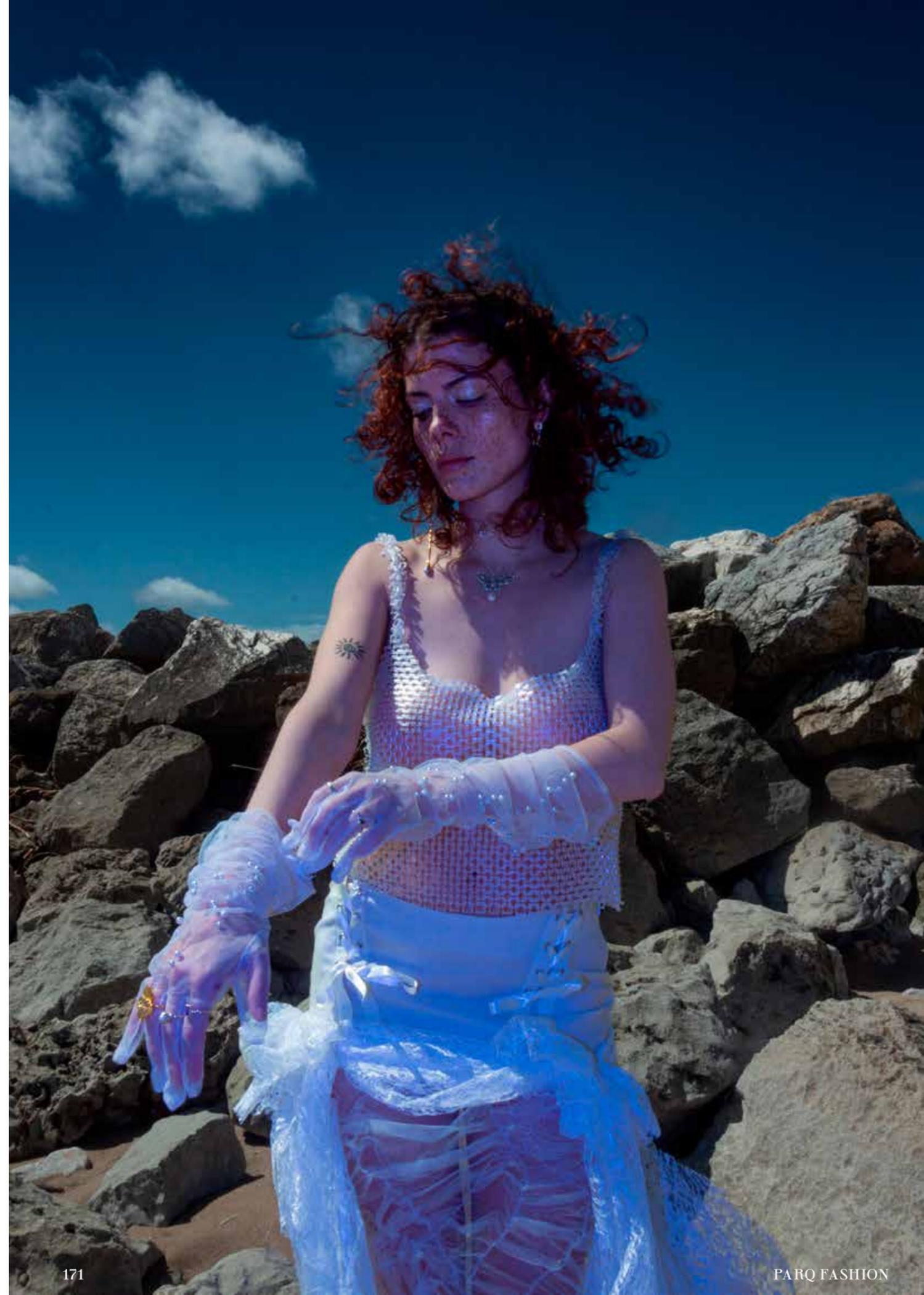
VESTIGE

fotografia BEATRIZ TEMUDO @beatriz.temudo
styling and creative direction TOMÁS CHAMBEL @angelictactus
ass. styling MARIA DE ABREU @abreudemaria
ass. RUBEN TEIXEIRA @rubentxr
make up CAROLINA PINTO @car0lindas
modelo ANA BÁRBARA CORREIA @ana.barbaracorreia

Agradecimentos a Showpress & Showroom Brandfire

top ISZA, saia MARIANA PEREIRA,
jóias BEATRIZ JARDINHA

PARQ FASHION





top ISZA, saia MARIANA PEREIRA,
jóias BEATRIZ JARDINHA



colete FILIPA CLEMENTE,
vestido ODARA, jóias BEATRIZ JARDINHA



colete e mala FILIPA CLEMENTE, vestido ODARA,
calças ANA MARICATO, jóias BEATRIZ JARDINHA





corpete MARIANA PEREIRA
camisa M. PLATEAU
saia ISZA
jóias BEATRIZ JARDINHA

corpete MARIANA PEREIRA
camisa M. PLATEAU
saia ISZA
jóias BEATRIZ JARDINHA





saia ISZA, calças ARNDES, jóias BEATRIZ
JARDINHA, luvas ÇAL PFUNGST

saia ISZA
calças ARNDES
jóias BEATRIZ JARDINHA
luvas ÇAL PFUNGST





vestido MANEL BAER, jóias BEATRIZ JARDINHA



casaco e vestido MANEL BAER, jóias BEATRIZ JARDINHA



vestido MANEL BAER, jóias BEATRIZ JARDINHA





ABRIL VERMELHO



fotografia SARA BERENGUER
styling LUÍS MIGUEL e BEATRIZ RETO
make up LUÍS MIGUEL
modelo BEATRIZ RETO
ass CAROLINA PAIVA

macacão em denim SALSA JEANS





lenço vintage





vestido vermelho CAWÉ







vestido vermelho GIO RODRIGUES
jóias INVITRO
corrente ALCINO SILVER SMITH

THE BECODE STREET



THE BECODE STREET é uma nova aposta do grupo ANDRÉ COSTA que, desde 1996, se dedica à distribuição e curadoria de marcas internacionais de vestuário. Ultimamente, o papel funcional do vestuário masculino é cada vez mais posto em causa. Isto acontece por haver um abraçar do vestuário como forma de expressão de identidade e, também, porque as barreiras de género estão cada vez mais apagadas, fazendo com que haja uma maior experimentação de estilos e tecidos. Podemos, como tal, dizer que a moda masculina se tem transfigurado fortemente nos últimos anos.

Dado este cenário de mercado, ANDRÉ COSTA pretende satisfazer estas novas necessidades e oferecer propostas fora da caixa. O cliente THE BECODE STREET gosta de misturar o workwear com o streetstyle, sem nunca se desprender do conforto e da casualidade. Porém, paralelamente, é vanguardista e encontra-se a par das tendências urbanas e contemporâneas.

No fundo, este cliente pretende transcender barreiras e a expressar a sua singularidade através daquilo que veste. Tal objetivo só é conseguido através da curadoria de marcas e produtos dentro da loja.

THE BECODE STREET propõe tanto marcas mais verdes, como outras já mais estabelecidas. Dentro das emergentes encontramos OAS, UNIVERSAL WORKS, HOMECORE. Por outro lado, dentro das mais reconhecidas vamos falar de NORTH FACE, SCOTCH&SODA, AMERICAN VINTAGE e EDMOND STUDIOS. Independentemente da marca escolhida pelo cliente, a estética, a qualidade, a exclusividade e um certo toque de irreverência são valores garantidos.

texto —————> BERNARDO SEMBLANO
fotos —————> ELISABETH TEIXEIRA

The BeCode Street
Rua da Senhora da Luz, 128, Foz do Douro, Porto

HERMÈS LISBOA



Após um mês de intervenção no interior da loja, para proporcionar um espaço mais alargado à sua clientela, a loja Hermès de Lisboa encontra-se reaberta desde o dia 24 de fevereiro.

A marca fundada em 1837, tem a peculiaridade de partilhar uma construção e decoração alinhadas em todas as lojas espalhadas no Mundo. Tudo isto é possível graças à colaboração com o Atelier RDAI, atelier de arquitetura parisiense, fundado pela RENAUDUMAS, mulher do JEAN-LOUIS DUMAS, quinta geração da família HERMÈS. Com esta expansão espacial, existem dois novos métiers – joalharia e les ateliers Horizons (peças bespoke – feitos à medida).

Como renovar a imagem é sempre importante, sabemos que as montras mudam 4/5 vezes ao ano, e espelham o imaginário da HERMÈS. Presentemente, na loja de Lisboa, existe a interpretação da artista KIKI VAN EIJK em torno do tema do ano 2024, uma celebração do Espírito do Faubourg.

Podemos também destacar o banco *Karumi* do arquiteto português ÁLVARO SIZA VIEIRA, desenhado para a coleção maison da HERMÈS em 2022 como extensão da linha apresentada em 2017. Mudar e reinventar podem ser assustadores para os clientes mais fiéis, porém, a empresa não se desprende dos seus valores. O processo de fabrico artesanal e o seu código ético – assente em liberdade de criação, o espírito de inovação, a procura constante de materiais nobres, a transmissão de um savoir-faire de excelência e a estética da funcionalidade – mantêm-se inabaláveis.

texto —————> BERNARDO SEMBLANO

23 à pressão, a escolha podia-se revelar uma tarefa impossível. O cliente chega a todas as referências disponíveis a partir de um menú que pode ser consultado a partir de um QR code que se encontra em cada uma das mesas distribuídas pelos 2 andares.

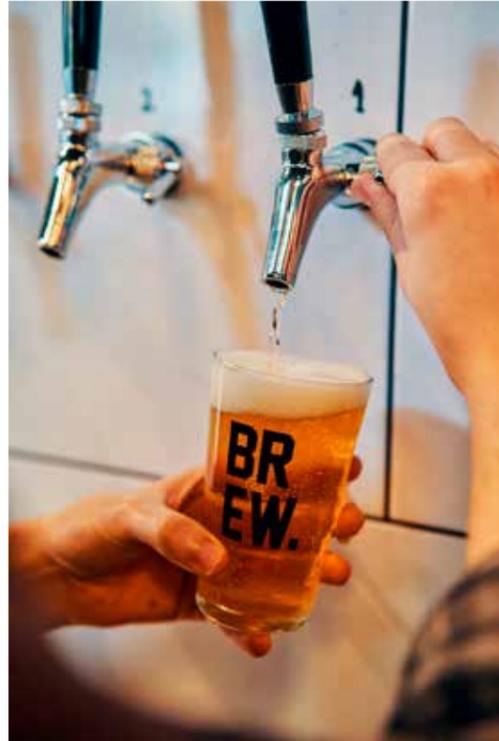
O conceito pode ser novo em Portugal, mas nos Estados Unidos este tipo de catedrais da cerveja existem e tornaram-se uma referência mundial. Justifica-se porque os Estados Unidos é o país com o maior número de cervejeiros, grande parte deles, são pequenos produtores que criam cervejas artesanais com os melhores produtos bio e seguindo regras sustentáveis. Trazer o conceito para Portugal partiu da iniciativa de um norueguês a viver em Lisboa depois de muitas passagens pelos Estados Unidos, onde ganhou familiaridade com este tipo de lugares e contatos com os pequenos produtores para conseguir trazer para Portugal o melhor. Começou por abrir uma distribuidora e só em Dezembro passado resolveu abrir a BREW em Lisboa.

Não é só cerveja norte americana que encontramos na BREW, as europeias e outras, de outras partes do mundo também estão presentes. E claro, as portuguesas também não podiam ser esquecidas. Para além da DOIS CORVOS e da MUSA, para falar de duas cervejeiras já mais conhecidas do público também têm cervejas da OPHIUSSA de Setúbal. Encontrar pequenos produtores, parece ser a vocação da BREW. É como se estivessem sempre à procura de novos diamantes para oferecer ao seu público tornando o seu espaço e, um reduto obrigatório para quem gosta de discutir sobre cerveja. Os chamados connoisseurs ainda são um grupo pequeno, mas há entusiastas que segundo PAULO LOBO, estão a crescer, porque hoje, ao longo de Portugal há uma maior diversidade de escolha de cervejas e isso contribui para apreciar as diferenças e apurar o gosto.

Naturalmente, a localização do BREW, dentro do circuito turístico faz com que esta cervejaria seja em grande parte frequentado por um cliente de passagem mas que em geral conhece e procura uma boa cerveja. A Pizza da BREW é o segundo atrativo que pode ser visto como um complemento que é oferecido. Oferecem uma pizza novo iorquina, que é feita num formato muito grande para depois ser vendida às fatias. Trata-se de um modelo popular em Nova Iorque, introduzida pela sua comunidade de italianos mas que foi ganhando características próprias, para uma cidade que funciona 24 horas por dia e que tem na pizza como algo de básico para satisfazer a qualquer hora. Para acompanhar uma cerveja tem muitas vantagens ter uma pizza as fatias se bem que seja possível ter uma inteira para um grupo que queira partilhar. Existem quatro tipos de pizza, sendo uma vegetariana. Todas contam com uma massa fermentada de 48 horas e molho de tomate caseiro para garantir a qualidade.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES

Brew
Rua Nova do Almada, 14 (Chiado) Lisboa
[@brew.portugal](https://www.brew.portugal)



Numa esquina, entre a rua do Nova do Almada e a Rua da Conceição na Baixa de Lisboa encontramos a BREW, uma cervejaria que surpreende quando vemos atrás do balcão um extenso painel com 23 torneiras para tirar cerveja à pressão. Estão numeradas e sobre os azulejos brancos escrevem a marcador o nome e característica de cada uma das cervejas. Nomes em diferentes línguas, dificilmente familiares a um transeunte que entre por acaso. De semana para semana há nomes que se apagam para dar lugar outros que se escrevem porque grande parte das cervejas propostas representam lotes pequenos que se esgotam e que são substituídos.

PAULO LOBO apresenta-se como responsável do espaço e é um expert em cervejas. Atrás do balcão está preparado para responder às nossas hesitações na hora da escolha e ajuda-nos a ir ao encontro do nosso gosto pessoal. Em caso de dúvidas, dá algumas à prova para ter a certeza que estamos com a cerveja certa. Sem a sua ajuda, perante 500 tipos de cervejas prontas a servir em lata ou garrafa, para além das

O REFEITÓRIO DA PRAÇA

Incrementando essa filosofia da união entre o retalho alimentar e a restauração que dá a hipótese dos clientes provarem os produtos antes de os comprar, surgiu a ideia de criar um “Refeitório”, um restaurante que apresenta uma ementa baseada nos produtos que se podem encontrar na praça.

O espaço que lhe está reservado é o antigo refeitório dessa messe militar e há algo desse espírito na imagem geral desse restaurante. Não vemos mesas corridas, mas os tampos de mármore estão lá montadas em estruturas simples e robustas de carácter industrial. Domina uma atmosfera funcional sem grande atavios decorativos estando toda a estrutura antiga neutralizada por um cor branca que cobre todas as superfícies. Apenas um conjunto de potes e vasos de barro invertidos a servir de quebra luz dominam o espaço com grande dramatismo visual e a par de uma grande tela de Francisco Vidal, ao fundo, são os únicos elementos decorativos predominantes. É um espaço com um pé-direito tão alto que nos pareceu má ideia para uma noite de chuva torrencial, como nos aconteceu nesse dia, mas francamente, sentimos sempre um grande conforto, esquecendo o mau tempo lá fora.

A carta refere evidentemente essa filosofia de dar a provar, descobrir os sabores nacionais porque essa é a forma de contribuir para a perpetuação da nossa cultura. Tudo isto, numa proposta de cozinha contemporânea baseada na cozinha portuguesa mas que se aventura, por outros mundos, indo beber a muitos lados. Há pratos clássicos mas também sazonais quando se procura uma cozinha fresca com base nos produtos locais.

Para começar fomos tentados por uma entrada vegetariana “Terra Mar (6,50€) que consistia numa patanisca de alga erva patinha servida por um puré de grão de bico e beterraba. Pedimos ainda uns cogumelos com castanhas (8,50€) que basicamente era um salteado de vários tipos de cogumelos sobre uma cama de castanhas em puré, um clássico do norte sempre agradável de reveritar.

Para continuar, como se pode ler na carta, optamos por um arroz de míscairos (16€) algo que se aproximava de um risotto de cogumelos, bem cremoso e no ponto. Por isso aprovadíssimo. Ainda houve espaço para partilhar uma couve lombarda e rabo de boi (17€), visualmente o prato mais bem conseguido.

Porque um jantar nunca termina bem sem uma sobremesa, partilhamos ainda um leite creme aromatizado com manjerição (4,50€) que se tornou o momento mais memorável da noite e que me obriga a voltar muitas mais vezes.

O serviço é bastante descontraído e simpático, o que desculpa qualquer amadorismo de uma equipa que se nota que ainda precisa de alguma eficiência.



No contexto do espaço de restauração do futuro Uber do Beato surge a “Praça”, que tem como objetivo dinamizar a relação direta entre o consumidor e os produtores locais à escala nacional. No site desta iniciativa pode-se ver quem abastece este vasto projeto que se estende por 1700m² ocupando vários edifícios com várias funções. Nesta antiga messe militar, podemos encontrar uma praça com produtos frescos que vão desde as hortaliças as frutas passando pelo pão artesanal, peixe, carne, charutaria e queijos que podem ser ali adquiridos diretamente ou através de um cabaz encomendado online com a possibilidade de ser personalizado. Há cerca de 700 opções “artesaniais e orgânicas provenientes de 140 produtores nacionais. Cada um deles trás a sua história porque é vínculo do produto nacional e de quem o faz que orienta todo este projeto elaborado por CLÁUDIA ALMEIDA e SILVA.

texto —————> FRANCISCO VAZ FERNANDES

FROU FROU

Havia duas coisas que eu queria muito, muito experimentar: Tosta de Camarão Tigre com Sésamo e a Baba de Tubarão. Sim, fui ao restaurante porque queria uma entrada e uma sobremesa, é verdade. Não bebi nenhum cocktail, mas acredito que devem ser maravilhosos, e tinham muito bom ar. Fica para uma próxima, quem sabe. A Tosta de Camarão Tigre com Sésamo era tudo aquilo que eu pensava e mais além. Gostava de ter pedido duas, a tal sobremesa e ficava só assim. Mas eu tinha mesmo de experimentar um prato principal. Simples, crocante, e sabe ainda melhor do que a imagem. Que só por si já é muito boa.

Como prato principal, escolhi o Camarão Agridoce. Iguamente simples, mas muito bem confeccionado. Acho que o segredo sempre será esse. A confecção dos pratos, e nas doses certas. Não consegui chegar aos Noodles ao Estilo de Hong Kong com Lavagante, como eu queria. Mas tinha de chegar à sobremesa. Cada um com as suas prioridades.

Adoro comida, sou esquisita, não como carne e sou apreciador dos pratos mais simples possíveis e imaginários. Acredito que é exactamente na simplicidade que percebemos a qualidade dos restaurantes em que nos sentamos à mesa. Como costume dizer, a vida é sempre para a frente, e temos de inovar, e reinventar. Mas o que é simples, nunca é fácil. A percepção do erro é maior, a margem para erro é substancialmente menor. Conforme aprecio a simplicidade de bonito copo de água com gás, aprecio a subtilidade com que se cruzam os sabores.

Pelo meio do jantar a maravilhosa DJ Miss Frou Frou que anima qualquer sala, de uma forma exuberante, mas elegante. Quando me sentei, éramos poucos no restaurante e parecia que toda a gente está a reparar em toda a gente, e quando assim é ninguém está tão à vontade. Era uma energia que pairava ao início da noite, mas foi desaparecendo. E tanto os Clientes, como todo o staff foram descontraindo ao longo da noite.

Chegámos antes da hora da reserva, e é claro que fui bem recebida. Como aliás sempre fui, em qualquer restaurante JNcQuoi. O FROU FROU até Setembro deste ano, era um espaço privado exclusivo para membros.

Fomos acompanhados pela host ao longo do espaço do JNcQuoi Asia, e eis que se abre aquela porta incrível que nos dá acesso a um espaço ainda mais incrível. Com música oriental a ser tocada, sou encaminhada até à mesa. É mesmo inspirado nos anos 20, elegante, tudo ao pormenor evidentemente, e sem exageros. Perfeito! Levava aquela decoração toda para casa, se eles deixassem.

Tinha estudado a ementa em casa, e esquisita como sou já tinha o que queria experimentar na ponta da língua. Como entrada apresentam à nossa mesa as Nozes Pecan crocantes, valem muito a pena. Repeti. Os molhos que acompanham são ótimos, e valem muito pela fusão de sabores que complementa, mas nem eram necessários para mim.

A sobremesa: Baba de Tubarão, tem amêndoa, tem arroz-doce, tem doce de ovos, uma pitada de canela, algures qualquer coisa de leite creme acho eu, resumindo: tão bom! Que por mim eram mais duas doses para embrulhar, se faz favor!

No final da noite, sai de lá leve, mais alegre, e feliz. Por tudo, pela decoração, a arquitetura, gastronomia, experiência do cliente, música e todo o ambiente fazem com que este seja um espaço a voltar muitas mais vezes.

Há saída, fui buscar a minha bem-dita Fortune Cookie evidentemente. E a mensagem que estava lá dentro falava em sucesso e boas surpresas profissionais. Sorri, e pensei enquanto descia as escadas: –“Caramba, é mesmo verdade. Coisas boas estão a chegar. Na próxima notícia incrível que receber volto a jantar no FROU FROU.”

texto —————> PATRÍCIA CÉSAR VICENTE



TERCEIRO ATO “NO CÉU NÃO HÁ FACETIME”

ilustração por Filipa Lobato

Avó, estás aí? E o avô? Aposto que continuam juntos até hoje. Agora entendo porque é que só casaste perto dos quarenta anos. Estavas certa. Primeiro viveste, sabias exactamente o que querias quando casaste. Foi uma cerimónia discreta para meia dúzia de pessoas e isso foi mais do que suficiente. E sem dizerem uma palavra, agora entendo o quanto vocês gostavam um do outro. Comunicavam só com o olhar. Fiz tudo errado, avó. Tive um casamento enorme, mas havia uma vozinha interior que me dizia que aquilo não ia durar para sempre. Ignorei-a, como te ignorava quando me dizias para me sentar direita na cadeira, senão ia cair. E caí. Várias vezes. Até hoje. Fisicamente sou a tua fotocópia, embora as pessoas digam que tenho traços da minha mãe. Herdei os lábios, a cara redonda, as sobrancelhas e o pequeno nariz empinado. E as mãos elegantes, de senhora. Só não herdei a paciência. Daquela que tu tinhas para mim. Mas deixa lá que criei um reservatório de paciência, que guardo e aplico sabiamente com quem me fala ao coração.

A tia já deve estar perto de ti, ou pelo menos, é assim que a imagino. Ela fez o que te prometeu. Ficou sempre comigo, e por vocês não estarem, fez de pai, de mãe, de tia, avó e avô. Nem sempre foi fácil. Nem para ela, nem para mim. Sabes a mania dos livros, das roupas, das modas, os meus silêncios profundos e desaparecimento a horas incertas para pintar? Sabes aquelas vezes todas em que pintei as paredes lá de casa, de uma ponta à outra e tu levavas as mãos à cabeça e dizias “Ai que o teu avô vai-te matar!”. Pois bem, o avô não me matou, e eu só precisava de paciência até crescer e ser tornada publicamente artista. Sabes aqueles catálogos com roupas, eu faço. Sabes aquelas publicidades grandes que vês nas estradas, também faço. E escrevo também. Já vou no segundo livro, guiões para filmes, e a parte melhor avó, não vais acreditar. Consegui ao longo destes anos impulsionar carreiras de alguns artistas, cantores, bailarinos, artistas plásticos, pintores, e ainda formo pessoas que querem entrar no mundo da moda. Sentei-me ao lado de pessoas que cresci a ver na televisão, e estive na mesma mesa que as grandes editoras de moda internacionais. Eu sei que era estranha. E se me perguntares, sempre que há algo de enorme na minha vida artística se me perguntarem o que eu mais queria, era apenas e somente colo. Os artistas são palhaços de circo carismáticos que atraem para si todo o tipo de atenções, são tempestades, são invadidos por milhões de pensamentos ao mesmo tempo, e a criatividade nunca nos dá um minuto de descanso. Queremos o mundo, e o problema é que às vezes conseguimos, e quando temos o mundo só queremos voltar ao nosso ninho. Ando por aí a dar a volta ao mundo, e quando olho pela janela do avião lembro-me sempre de quando via os aviões da janela, apontava e dizia que um dia ia apanhar muitos. Avó, às vezes não acredito que cheguei até aqui, às vezes dói muito. Os artistas são especialistas em rodearem-se e afastarem-se de pessoas, e a certo ponto tudo lhes é igual por isso é que precisam de criar. Roupa, desenho, pintura, música, dança, televisão. E o pior, parece que tudo o que faço é sempre pouco. Há um sentimento de culpa por ter duzentas ideias na cabeça, e só conseguir colocar duas ou três ao mesmo tempo em prática. O corpo queixa-se que tem de dormir, comer e essas coisas todas. Não queres fazer Facetime? Gostava de te ver, eu imagino que tu me vejas a mim, mas eu só te vejo nas fotografias que guardo, e na minha memória. Faço exercícios para não me esquecer da tua voz. É das coisas que mais temo. Esquecer-me da tua voz, a do avó...a da tia tenho gravada. Ela já chegou à

geração dos telemóveis com câmara e portanto, sempre fiz vídeos com a tia em que ela cantava para mim, ou estávamos a brincar. Sabes que tenho uma essência provocadora, e como tal, sempre adorei testar a paciência dela. A tia morreu sem perceber muito bem o que eu fazia da vida. Tudo o que ela queria era ouvir a palavra escritório, então dizia-lhe que sim, que trabalhava num escritório só para ela não ficar preocupada. Ela já mal entendia. E eu fingi até ao fim que não sabia que ela estava perto do seu fim. E dinheiro nenhum do mundo nos salvou de nos termos separado uns dos outros. Sempre tive uma relação de amor-ódio com o dinheiro. Ele transforma pessoas, e come a arte. O dinheiro despreza a pureza e no fim é tudo o que quer comprar. As pessoas vendem-se nas esquinas, nas mesas de café, vendem o seu talento, a sua alma, e mesmo com todo o dinheiro do mundo terão sempre fome.

Avó, continuas aí? As coisas mais preciosas da minha casa são os meus gatos, e o meu álbum. Aquele que tem recortes, fotografias vossas, postais, bilhetes de avião, e coisas que guardei da vida, das viagens e vice-versa. Coleciono carteiras, jóias vintage, e até já fiz um podcast sobre história da moda. Vês?! A minha obsessão por conhecimento levou-me a algum lugar. Ou melhor, eu tenho chegado a muitos lugares que me pareciam inalcançáveis porque eu sou apenas eu, a seguir um caminho que acho que é lá que devo estar. E quanto mais vivo, mais acontece, mais poder, mais história por contar, mais eu sinto que ainda vem aí algo de melhor. Mas há um vazio que ninguém consegue preencher, vocês não viveram tempo suficiente para verem. Talvez seja por isso que me tento cada vez ir mais longe, e sonho cada vez mais alto. Pode ser que assim vos consiga ver de perto, então voo cada vez mais alto, talvez me aproxime do céu.

Avó, estás aí? Estou...Estou...Estou?!

—Os nossos serviços encontram-se encerrados. Poderá contactar-nos de segunda a sexta-feira entre as oito e as vinte horas da noite! Para acertos de contas, prima a tecla um. Para aconselhamento do Céu prima a tecla dois, para pedido de desejos prima a tecla três. Para enviar mensagem a um ente querido marque quatro. Para orações e preces marque cinco. Caso deseje voltar ao menu inicial marque asterisco.

----- Fim do terceiro ato. -----

---- Fecho da cortina. ----

Os actores não voltam ao palco para receber aplausos. O público está perdido, mas ainda assim a bater palmas. A cortina continua fechada, e há o foco virado para o palco. O público continua a bater palmas enquanto começam a olhar uns para os outros, como que a perguntarem-se do que é que estão todos à espera.

O que o público não sabe é que o mundo não espera, e todos somos espectadores da nossa própria vida. A dos outros assistimos a actos, mas na sua maioria nunca vemos a peça desde o início, perdemos o fim, outras vezes somos só uns figurantes com umas falas que apareceram lá para o meio de umas cenas de um ou dois actos.

A cortina continua fechada. O público começa a sair da sala sem entender porque é que ninguém voltou ao palco.

Isto não é sobre palco, é sobre o que se passava na viagem a caminho do teatro.

Isto não é sobre atos, é sobre o que se passa para os actos acontecerem.

Isto não é sobre a Parq, sobre a crónica, ou sobre o bater palmas, é sobre quem somos nós quando a cortina está fechada.





PARQ

follow us

www.facebook.com/parqmag

www.parqmag.com
www.instagram.com/parqmag/